

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia

Curso de Graduação em História

Eduardo Santinor Severino do Prado

Capoeiristas, saberes e propostas de inserção social.

Araguari, Minas Gerais.

Uberlândia

2017

Eduardo Santinor Severino do Prado

Capoeiristas, saberes e propostas de inserção social.

Araguari, Minas Gerais.

Monografia apresentada para
obtenção do título de licenciatura e
bacharelado em História, pela
Universidade Federal de
Uberlândia, sob orientação da
Professora Doutora Célia Rocha
Calvo.

Uberlândia

2017

Eduardo Santinor Severino do Prado

Banca Examinadora

Prof.^a. Dra. Célia Rocha Calvo

Orientadora

Prof. Msc. Artur Nogueira Santos Costa

Mestre em História

Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a. Dra. Janaina Ferreira

Doutora em História

Universidade Federal de Goiás

Uberlândia

2017

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho as duas mulheres mais importantes da minha vida, minha mãe e minha irmã, pois elas sempre estiveram do meu lado em todos os momentos da minha vida. Elas são a razão do meu viver e de continuar buscando ser sempre uma pessoa melhor. Ao Grupo de Capoeira Nova Era por compartilhar um pouco de sua luta, seus conhecimentos e vivências dentro dessa prática que é muito importante para nossa história, tanto dentro da cidade de Araguari como para nossa cultura. Dedico também a minha orientadora por todas as trocas de conhecimento e por me fazer ser cada vez mais apaixonado pela profissão de historiador, onde descobri que minha vocação é ser professor.

RESUMO

O estudo teve como finalidade refletir sobre as práticas da capoeira, com informações coletadas com base na história da cidade relatada pelos entrevistados, na luta da capoeira e na realização de entrevistas com os capoeiristas do Grupo Capoeira Nova Era, do município de Araguari, Minas Gerais. A participação dos capoeiristas demonstrou as suas percepções e dificuldades a partir de suas experiências, tanto na manifestação dessa cultura, como na sociedade. Para análise da capoeira como manifestação cultural o ponto de partida foram as entrevistas realizadas com os membros desse grupo para entender alguns processos tais como, a relação deles na história da cidade, a construção do grupo de capoeira e a sua atuação nos espaços onde estão inseridos. A partir disso, procuro investigar e problematizar alguns enfrentamentos cotidianos dos entrevistados, visto que simples trabalhadores e com pouco tempo, são capazes de propagarem manifestações sociais não apenas como parte da cultura popular, mas como algo que se contrapõe com as pressões sociais econômicas e políticas.

Palavra-chave: Capoeira. Manifestações Culturais. Sociedade. Fontes Orais.

ABSTRACT

The study aimed to reflect on the practices of capoeira, with information collected based on the history of the city reported by the interviewees, in the struggle of capoeira and in the interviews with capoeiristas of the Capoeira Nova Era Group, in the municipality of Araguari, Minas Gerais. The participation of the capoeiristas demonstrated their perceptions and difficulties from their experiences, in the culture, as in the society. For the analysis of capoeira as a cultural manifestation the starting point was the interviews with the members of this group to understand some processes such as their relationship in the history of the city, the construction of the capoeira group and its performance in the spaces where they are inserted. From this, I try to investigate and problematize some daily confrontations of the interviewees, since simple workers and with little time, are able to propagate social manifestations not only as part of the popular culture, but as something that is counterposed with the economic and political social pressures.

Key-words: Capoeira. Cultural manifestations. Society. Oral sources.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo I. Mestre que dessa arte sabe “pouco”.	26
Capítulo II. Capoeira, um saber que não tem fim: aprendizes de uma arte/cultura.	39
Considerações Finais	48
Referências Bibliográficas	52
Acervo da Pesquisa	54

Introdução

“O problema para o historiador é analisar a natureza desse ‘sentido do passado’ na sociedade e localizar suas mudanças e transformações” Eric Hobsbawn¹

“Eu não vi capoeira nasce, eu ouvi os mais velhos fala, capoeira nasceu na Bahia na cidade de Santo Amaro”. Corrido de capoeira²

Esse trabalho tem como proposta produzir algumas reflexões sobre a atuação de alguns capoeiristas na cidade de Araguari, como pessoas que participaram da construção da visão da capoeira na cidade. Perceber como historicamente essas manifestações culturais fundadas pela capoeira, criam um diálogo com as experiências desses sujeitos, na cidade e no modo como refletem possíveis mudanças nos espaços onde essa prática está inserida. Como praticante dessa manifestação popular pude perceber que além do conceito de esporte, ela atua também em vários processos na formação do cidadão, criando vivências entre indivíduos da sociedade que ela está inserida. O Curso de História possibilitou ferramentas para entender e dialogar com a cultura e os costumes, na tentativa de entender como essa prática contribui para que possamos repensar o que é o conhecimento para além das formas estipuladas pelas classes hegemônicas. Entender que essas manifestações geram muitas vezes todo o aparato para que essas pessoas entendam seu papel e suas expectativas perante as imposições sociais. Por isso procurei tratar essa prática aqui não como folclore, mas como algo associado aos modos de viver desses agentes na cidade onde moram.

A ideia de trabalhar com um grupo específico dentro da cidade de Araguari, justamente por suas variações, pois cada grupo possui sua particularidade naquilo que ensina e acredita. A proposta foi refletir por meio das suas memórias os saberes que produzem a partir das tensões sofridas por eles e impostas pela sociedade.

Deste modo iniciei minha pesquisa buscando dialogar com esses agentes, com o objetivo de que esse estudo possa contribuir não para conhecê-lo simplesmente, mas tentar entender como essa prática cultural e social feita por pessoas de determinados grupos constroem relações em nossa sociedade.

¹Hobsbawn, E., J. Sobre a história, 1998.

²Autor desconhecido. Corrido de capoeira.

A ideia não é discutir o pertencimento ou não dessa cultura, pois sua historicidade, sua prática, sua inserção social vai além de um simples estudo. Mas, da vivência, da pluralidade em que está inserida.

No começo a ousadia era tentar dialogar com os grupos de Capoeira pertencentes a essa cidade, no entanto, o sentido que é dado a ela (Capoeira) vai além do fato de achar que suas características são comuns a todas as escolas e práticas da Capoeira. A sua variação é extremamente ampla depois entrarei em mais detalhes, ela é entendida em três variáveis primárias. A Capoeira Angola, Capoeira Regional e Capoeira Contemporânea. Dentro que cada uma existe uma variação quase infinita de fundamentos e escolas. Defino fundamentos aqui como a maneira que se é passada esse conhecimento, movimentos, golpes, ritmos, cadência de jogo, referência de mestres, vestuários e de como esse conhecimento chegou até determinado grupo e é passada.

De uma maneira bem simples podemos pensar esse conhecimento como uma árvore genealógica para tentar entender que esse conhecimento vem de uma matriz comum a cultura africana (que não é tão simples assim!). Com os processos de transformação até chegar ao que conhecemos como Capoeira ela foi passada para vários mestres que passaram para outros mestres e assim a árvore foi se ramificando e continua até hoje. Sabemos que em toda sua história até hoje ela sempre sofreu várias pressões sociais que fizeram ela se adaptar a sociedade onde está inserida, mas várias características e fundamentos são mantidos de acordo com o que cada grupo aprendeu e acredita.

Pesquisei o *Grupo de Capoeira Nova Era*, coordenado pelo Mestre Paturi, Márcio David Honório. Esse grupo atua numa Associação Beneficente dos Moradores dos Bairros Brasília, Maria Eugênia e Residencial Madri, situado na Rua Paranaguá, número 228, no bairro Maria Eugênia em Araguari. A preocupação foi entender essa prática como parte desse meio social e tentar construir junto as minhas referências bibliográficas como essa cultura é vivida e constituída na cidade, nos espaços que o grupo produz e se faz entender por sua “visibilidade” social quer seja na família, na associação, no bairro e na vida das pessoas que praticam. Segundo Thompson³:

³Thompson, E., P. A miséria da teoria. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

“O que descobrimos (em minha opinião) está num termo que falta: ‘experiência humana’. É esse, exatamente, o termo que Althusser e seus seguidores desejam expulsar, sob injúria, do clube do pensamento, com o nome de empirismo. Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida tratam essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, relativamente autônomas) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada” (THOMPSON, 1981,p.182).

Assim como diz o historiador, procuraremos refletir sobre a experiência desses sujeitos no processo do fazer-se das suas práticas e no modo como refletem os significados produzidos com os seus praticantes.

O interessante é perceber que essas pessoas possuem experiências extremamente ligadas a essa cultura e sua vivência e um ponto que pretendo discutir no decorrer desse trabalho é que a história nesses processos não é harmônica ela se constrói em processos de luta e cria diversas relações políticas, sociais e econômicas.

A metodologia utilizada nessa pesquisa envolve uma perspectiva a partir do diálogo com esses praticantes através de entrevistas. Trabalhar com fontes foi algo importante para mim. Em primeiro lugar, quero destacar a importância que essas entrevistas tiveram para mim, no sentido que ter a confiança dos entrevistados para que pudéssemos compartilhar um pouco de suas experiências e vivências dentro dessa prática. Além de perceber em suas falas que a vida diária e a cultura dessas pessoas estão intimamente ligadas. Perceber a propriedade em suas falas desde o aluno mais novo até o mestre foi dialogar com suas expectativas e buscas dentro dessa manifestação. Isso foi algo interessante de perceber, por que, muitas vezes essas entrevistas não aconteceram como um jogo de perguntas e respostas definidos, mas quando sentávamos em uma roda de conversa e eles queriam dialogar comigo sobre as suas experiências e maneiras de dialogar com a capoeira em todo o seu processo dentro a cidade e da construção do grupo. Outro fator é que o conhecimento e a transmissão do mesmo sempre estiveram ligados a

oralidade ao meu ver, seria muito mais interessante trabalhar com essa cultura dialogando com esses agentes em vez de tentar entendê-la por documentos escritos.

A prática oral faz parte de diversas manifestações culturais e na Capoeira ela está intimamente ligada. Por muitos séculos a transmissão desse conhecimento foi e ainda é passada através da oralidade. Isso faz parte dos ensinamentos, do conhecimento, da mitologia, da resistência dentro da Capoeira. Como Portelli⁴ cita: *“as fontes orais dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou não falha ou distorcida”*. Sabemos que, tanto fontes orais ou escritas são extremamente excludentes, ela sempre conta ou não que, e a quem interessar. O documento gravado não é a verdade absoluta dos fatos, no entanto, é a funcionalidade do que essa história oral passa através da perspectiva de quem conta. Sobre sua resistência no meio onde está inserida e como essa prática lida com as tensões imposta no meio onde ela está. A história possui um diálogo muito intenso em relação a como se conta esses processos históricos em nossa sociedade. Assim como Portelli⁴ e outros historiadores propõe, esses novos diálogos sobre a história e principalmente através da história social é a tentativa de quebrar a dominação de uma perspectiva histórica. A “outra história” dialoga com a história do dominante é a tentativa de quebrar o “engessamento” dos fatos históricos. Isso é ativar a perspectiva e a maneira como e vista a história.

A relação do Grupo de Capoeira com a sociedade que ele está vinculado já vem sendo construída há um tempo. Isso cria a possibilidade de investigar algumas relações construídas entre essas pessoas. Aprender que a pratica é uma forma de quebrar hierarquias tornando visível a possibilidade do fazer histórico nessa sociedade através de outros fatores que esteja simplesmente ligado ao povo, ao saber e o aprendizado transmitido oralmente. Fazer as entrevistas gera o sentimento de que não é o registro como verdade, mas sim como memória histórica.

Outro análise que será questionada nesse trabalho é que assim como várias práticas, a Capoeira muitas vezes acaba sendo considerado como algo folclórico, justamente pela maneira como as classes dominantes e a sociedade em geral olham para essas manifestações culturais. Muitas vezes as pessoas visualizam essas manifestações como algo definido a partir de suas manifestações e rituais. Quando me refiro a

⁴Portelli, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. São Paulo, 1995.

manifestações é que a sociedade acaba olhando essas práticas no seu conjunto final (roda, festas e etc.). Há cultura é parte do processo de conflitos sociais, ela não é isolada não fala por si só como movimento único. Ela está em dialogo como linguagens nesses espaços e na sociedade. Possui hábitos, costumes, comportamentos e confrontos.

Entre esses diálogos a ideia é perceber que essas pessoas não estão ligadas a essas atividades como algo distante de sua realidade, ou seja, que praticar a capoeira não se desvincular de seu meio diário. Essas pessoas trabalham em outras atividades durante o dia e praticam capoeira (não que isso não seja trabalho) durante a noite. Mesmo com as pressões que a sociedade impõe a essas pessoas, como, a desvalorização dessa manifestação cultural, preconceito, o não reconhecimento social, político e econômico. Eles e como outros em diversas práticas resistem se adaptam e dialogam com as pressões sofridas. E tentar perceber que essas histórias influenciam na relação entre o ser social e a consciência social. Ser Mestre, por exemplo, está ligado aquele que ensinar e muitas vezes sem possuir o diploma acadêmico, mas com o diploma social (ser reconhecido pela comunidade) e exerce uma função extremamente importante ao lidar com os conflitos sociais e a manutenção dessa expressão cultural.

O que me motiva a trabalhar com essa temática, está ligado à minha experiência como praticante dessa manifestação. Visto que meu posicionamento aqui é como historiador e não como capoeirista, mas me coloco aqui como pesquisador sem me colocar como neutro, já que, busco entender essas linguagens em seus espaços de conflitos. No entanto, participar dessa prática me faz perceber que ela está vinculada a grupos de pessoas que resistem como praticantes apesar de vários fatores sociais contribuírem para que ela não seja reconhecida e valorizada perante a nossa sociedade.

Entender que a cultura também molda a sociedade e cria relações mesmo que as imposições políticas, sociais, e econômicas influenciam nossas expressões culturais elas não conseguem penetrar totalmente nessas práticas.

Pesquisar essa manifestação é perceber que os homens vivem suas experiências ligadas à ideia naquilo que acreditam. Isso envolve aspirações, sentimentos, desejos, maneiras de criar lutas e resistências no seu cotidiano social. Como aponta Maria do Pilar⁵ em seu texto: A Pesquisa em História, minha relação aqui é pensar que essa experiência

⁵Vieira, Maria do Pilar de Araújo; Et.al. A pesquisa em História. São Paulo, 1995.

está ligada integralmente e socialmente a essas formas de cultura. Então o conceito de política vai muito além do campo institucional e é ligada a qualquer espaço de luta. Mostrando que muitas vezes nossas políticas sociais engessam essas práticas sem perceberem que elas estão em constante movimento e transformações perante as pressões sociais.

“Priorizar categorias fixas, abstratas, instituídas, puramente analíticas, em detrimento do processo real significa perder de vista os processos constituídos desse real”. Nesse sentido, “interessam ao investigador as lutas reais; não só aquelas que se expressam sob formas organizadas como também as ‘formas surdas’ de resistência, estratégias ocultas de subordinação e controle; com isso incorporar grandes áreas da resistência humana essenciais para a compreensão do social”⁵ (VIEIRA, 1995, p.9).

Recortar simplesmente o fato de trabalhar com um grupo é entender que esse grupo está em constante luta com as pressões sociais. E ele por si só é amplamente grandioso para discutir tal temática.

Ampliar a noção que essa fonte nos faz entender que o acontecer histórico vem a partir das ações humanas e que o conhecimento histórico é produzido “*com tudo o que, pertence ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstrar a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem*”⁶ (FEBVRE, 1949, p.428). E assim como historiador fiz uma escolha de que materiais trabalhar e como trabalhar.

Tornar mais ampla, essa gama de estudos é entender que as lutas contra a dominação de uma hegemonia de saberes (isso já vem sendo feito) é abrir a visão e explorar essas linguagens assim como, na fotografia, no cinema, nas artes em geral. As expressões culturais também se estendem como formas de luta nos momentos de tensão e cria possibilidades imagináveis de crítica à sociedade.

Assim a questão colocada para esse trabalho é observar, quem produz, para quem se produz e como se produz quem domina esse conhecimento. Há muito tempo esse Grupo de Capoeira luta pelo direito de expressão perante essa sociedade. Como ela reage

⁶Febvre, Lucien. Vers âne autre histoire. In Revue de métaphysique et de morale. 1949.

a isso? E como eles se veem nesse processo. E trabalhar com esse grupo é perceber que suas falas e seus posicionamentos não é neutro e nem “despolitizado” são atuantes e fazem parte da memória dessa cidade e dos enfrentamentos políticos.

Um dos grandes problemas sofridos por esses tipos de tradições é que muitas vezes a própria tradição historiográfica dificulta a inserção de outras linguagens ao trabalho do historiador. O estudo desses processos nos faz abrir nosso campo de visão e de pesquisas, pois quebramos com o privilégio do que é escrito ou verbal como verdade absoluta.

Isso viabilizou o nosso sentido como pesquisador, pois trabalhar como esse tipo de fonte nos dá a possibilidade de utilizar técnicas possíveis para desvendar uma ou outra linguagem. Fazendo-nos entender que nosso papel é tentar desvendar o lugar social onde foi ou está sendo produzida. Abrindo a possibilidade de questionar não o que está representado, mas o porquê essas coisas estão representadas de uma determinada maneira. Não quero chegar aqui a uma conclusão definida mais sim explicar os processos até chegar a determinada conclusão.

Thompson³ nos fez entender que esses processos; presente, passado são contínuos e a história influencia na relação entre ser social e consciência social. Há várias lógicas históricas para um determinado processo. *“Nosso objetivo é o conhecimento histórico; nossa hipótese são apresentadas para explicar tal afirmação social particular no passado, tal sequência particular de causação”*³(THOMPSON,1981, p.182). A história não serve para chegar a nenhuma conclusão sobre algo determinado ela possui o compromisso com as propriedades de determinadas evidências, ou seja, como esses processos foram construídos e continuam sendo perante as transformações e o diálogo na sociedade onde está inserida.

Entendo a Capoeira e várias manifestações culturais como parte desse diálogo com a sociedade e as transformações que ocorrem nela. Essa prática foi marginalizada durante muito tempo e mesmo hoje ela ainda continua não sendo reconhecida como uma das nossas manifestações mais importantes. Não quero aqui dizer que existe uma ou outra que é mais ou menos valiosa para nossa cultura. No entanto assim como na Capoeira outras manifestações que foram geradas aqui com a mistura e a miscigenação da cultura do africano, do português e do índio muitas vezes não são e não foram reconhecidas pelos grupos hegemônicos que definem o que é ou não cultura.

Sabemos que isso acontece perante ao interesse que o capital possui na cultura popular já que muitas vezes essas culturas se tornam formas de resistência para esses grupos e o controle das classes dominantes vem justamente no sentido de criar uma ordem social tentando controlar as classes populares. Vejo a narrativa oral existente dentro da Capoeira e de várias manifestações como uma das principais resistências dentro de nossa sociedade.

Sendo assim, a história oral se constitui como uma ferramenta útil para se trabalhar e investigar a complexidade e a dinâmica social. Já que, ela cria versões únicas da realidade social. Como cita Portelli⁷: *“A história Oral e uma ciência e arte do indivíduo... A padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, Por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio de impacto que estas tiveram na vida de cada um”* (PORTELLI, p.15, 1993). Ela é a memória que cada um possui do passado e há transformações nas relações do presente, é o espaço onde o ser lida com as pressões impostas pela sociedade baseando-se na sua vivência cotidiana.

Ter a possibilidade de dialogar com o Grupo de capoeira Nova Era foi tentar entender que as práticas culturais ligadas a oralidade estão ligadas a busca de valores, interesses e resistência cultural e social para esse e vários grupos onde muitas vezes a sociedade dominante impõe valores.

Temos que perceber que a história oral possui nuances das conversas, no que se quer contar, no que se torna verdade ou fábula, o que quer se destacar ou omitir. Cabe ao historiador entender que as narrativas orais são fontes com significados extremamente importantes para seu meio e precisa ser analisada de acordo com as perspectivas que essas pessoas querem passar e como o conhecimento histórico lida com essas fontes. E ela resiste graças a esse tipo de transmissão de conhecimento, o que passou de Mestre para Mestre e é entendido e absorvido a partir das suas experiências sociais integradas as práticas culturais. Ser Mestre não é um status é um reconhecimento que a sociedade dá no cotidiano que a pessoa está inserida. Muitas vezes um trabalhador e ao mesmo tempo um propagador de sua ancestralidade, de sua cultura, de suas memórias. Isso faz ao meu ver a História oral algo fascinante.

⁷Portelli, Alessandro. O que faz a História oral diferente. São Paulo, 1993.

Ter a possibilidade de entrevistar essas pessoas me mostrou que o conhecimento que envolve essa prática é infinito e a única coisa que almejo entender é que *“compromisso com a honestidade significa, para mim, respeito a pessoa por aqueles com quem trabalhamos, bem como respeito intelectual pelo material que conseguimos”*⁷(PORTELLI,1993, p.15). Essas pessoas abriram as portas para que eu pudesse aprender e tentar compreender um pouco de suas experiências para *“perceber as diferenças que as tornam desiguais e situar no contexto de luta e do trabalho, com o intuito de criar igualdade”*⁷. Compreender que todo o processo de resistência da Capoeira do Grupo Nova Era está mesclado com a história de luta dessa manifestação dentro da cidade de Araguari.

Como Portelli⁷ nos mostra a ideia de pedir permissão para gravar é invadir a privacidade dessas pessoas. Mas o que torna gratificante é perceber que eles deram para mim a oportunidade de compreender um pouco sobre suas histórias de luta e ao mesmo tempo mostrar para a sociedade acadêmica a importância que a história oral possui para que essas memórias e narrativas históricas possibilitem uma interação social muitas vezes despercebidas na História oficial.

Na minha perspectiva os estudos envolvendo essa temática proporcionou entender vários sentidos das transformações sociais que vão contra as pressões hegemônicas que se impõe na sociedade. E perceber que não só hoje, mas em quase toda nossa história as transformações das cidades vêm das experiências de trabalho e de lutas sociais, de modo de viver, morar e de se sociabilizar. Os grupos sociais normalmente criam estruturas próprias para relacionar melhor tanto com as pessoas que fazem parte desse meio ou com a sociedade dominante.

Isso nos faz quebrar a ideia de que fatos hegemônicos constroem a história, ou seja, a história é um processo construído pelos próprios homens, como refere Yara A. Khoury⁸: *“de maneira compartilhada, complexa, ambígua e contraditória, o sujeito histórico não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricadas”* (KHOURY,2001, p.80.).

⁸ KHOURY, Yara A. Narrativas orais na investigação da História Social. In Revista Projeto História. São Paulo. 2001.

Essas pessoas constroem suas experiências ligadas ao trabalho, ao modo de viver e de se organizar. Muitas vezes a sociedade exclui esses trabalhadores, no entanto sua presença perante a sociedade é imposta pela sua própria organização social.

*“Nessa perspectiva, a cultura não é pensada como curiosidade ou um exotismo, mas enraizada na realidade, impregnada de um sentido intenso, por meio da qual as pessoas se expressam, reagem, exercendo, ou não, suas possibilidades criativas, forjando os processos de mudança social”*⁸(KHOURY,2001, p.80.). O interessante é tentar entender que a cultura e sociedade se moldam juntas e criam diversas relações fazendo que imposições políticas, econômicas não consigam penetrar totalmente nessas culturas.

Quando comecei a fazer minha graduação em História passei a entender algumas reflexões que eu tinha em relação a essa arte. Eu sempre tive interesse em participar e aprender sobre essa pratica (Capoeira). No final dos anos 90 eu já queria fazer capoeira, no entanto, minha mãe dizia “que era coisa de marginal” passei anos sem entender esse significado que não só minha mãe, mas uma parte da sociedade dava a essa manifestação com isso analisei alguns fatores para a criação e a percepção que a sociedade dá a essa manifestação.

Primeiro, destaco o que Stuart Hall⁹ fala sobre as pressões que as classes dominantes exercem sobre a classe trabalhadora, principalmente no que ele define como *“longo processo de ‘moralização’ das classes trabalhadoras”*, ou seja, o sentido que as classes dominantes dão para o que é ou não cultura. Isso é imposto em várias manifestações culturais, a sociedade hegemônica em toda a nossa história sempre impôs o que é ou cultura, o que é melhor para a sociedade e grande parte dela nunca parou para repensar os significados que o povo inserido nessas manifestações tem em relação a sua cultura. É logico que principalmente com vários estudiosos como por exemplo, Eric Hobsbawn, Thompson, Stuart Hall, Heloísa Cruz, Portelli, Célia Rocha entre outros que envolvem a cultura e a sociedade, abriu-se uma grande gama para um melhor entendimento não sobre a cultura, mas sobre o povo que está inserido em uma determinada cultura. Contudo, esses estudos continuam sendo discutidos em ciclos fechados como a Universidade, isso ao meu ver, por várias falhas estruturais que possuímos em nossa educação e na sociedade.

A segunda coisa que destaco é que as pessoas associavam essas práticas aos meios marginalizados, justamente por não percebem que essas manifestações estão envolvidas

em meios sociais e conflituosos em vários sentidos, tanto entre os próprios praticantes como também com as classes hegemônicas. Existia sim conflitos entre capoeiristas não só na cidade de Araguari, mas também em vários momentos na história da Capoeira. Muitas vezes no sentido de dominar algum território, quando me refiro a território não falo simplesmente em espaços físicos, mas também ideológicos. Havia disputas, imposições para saber quem era o melhor capoeirista, a melhor “escola” de capoeira. Entendo isso como parte de nossa sociedade em vários sentidos, por exemplo não temos conflitos religiosos? Há tanta discussão em cima disso, alguns religiosos falam que sua religião é certa a outra é errada. Tem pessoas que acreditam que suas ideologias são melhores que as outras, enfim, é entender que vários processos dentro de nossa história sempre aconteceram e acontecem conflitos. Dentro de várias culturas esses processos não seriam diferentes. O interessante é perceber que atualmente dentro da capoeira vários grupos buscam a união e o fortalecimento dessa prática ela ainda continua em conflito com várias questões dentro da sociedade, principalmente na luta pelo reconhecimento que ela merece.

Sendo reconhecida não só como uma expressão, uma manifestação, mas como algo que faz parte também da educação, da socialização, da cultura, do conhecimento do próprio proletariado. Algo importante de pensar é como que essas comunidades lidam com as pressões sofridas no período (diálogo com a cultura e a sociedade) em que estão envolvidas. Stuart Hall⁹ mostra que essas classes dialogam com as pressões sofridas principalmente pelas classes dominantes *“A transformação é a chave de um longo processo de ‘moralização’ das classes trabalhadoras, de ‘desmoralização’ dos pobres e de ‘reeducação’ do povo. A cultura popular não é, num sentido ‘puro’, nem as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formas que sobrepõem. É o terreno o qual as transformações são operadas”*⁹(HALL,2003, p.248). É pensar a cultura e a memória no campo da experiência do sujeito e interpretação deste no presente a partir, das tensões sofridas por ele e imposta pela sociedade. E essa sociedade normalmente cria padrões sobre o que é ou não cultura muitas vezes atribuindo valores comerciais e de mercado para essas práticas. O popular quase sempre é engessado pela sociedade dominante sem perceber todo o movimento que possui dentro do meio onde está inserida.

⁹ Hall, Stuart. Notas sobre a “desconstrução” do popular. Belo Horizonte,2003.

Richard Hoggart¹⁰ procura aprimorar nosso entendimento sobre classe e também que sua cultura ou o que é dito como costumes populares não está ligado simplesmente a representações, mas a maneira que tradições e conhecimentos se transformam em resistência para esse povo. Principalmente em costumes e práticas que fazem com que essas pessoas se opõem as mudanças impostas pela sociedade. O que se entende como imposições da sociedade nesse sentido, é que, na maioria das vezes as classes dominantes costumam definir o que é ou não cultura de um povo. Dando valores e significados sem perceber que essas linguagens culturais não são folclore, ou seja, algo estático. Mas, possuem diálogos sociais e conflitos, principalmente na sociedade onde está inserida. Hoggart¹⁰ procura mostrar que é importante evitar as atitudes românticas, aquelas que fazem com que a sociedade sempre olhe para essas práticas como simples representação do que foi no passado. Quando se olha para esses costumes com a ideia de que se trata de fatos históricos e não de atividades históricas, quando falo em atividades históricas é entender que ela está em movimento. Ela está em conflito perante os momentos, pressões e diálogos tanto com a sociedade inserida nessas práticas quanto as que estão fora.

Hoggart¹⁰ construiu seu texto, *Quem são <<as classes trabalhadoras>>?* A partir de suas experiências pessoais do Norte inglês urbano em vários distritos industriais, principalmente nos bairros operários de Leeds. Buscando como ele diz “*a noção de constituírem o seu próprio grupo, e isto sem que necessariamente esteja implicado um sentido de inferioridade ou orgulho; antes sentem que são proletariados nas coisas que admiram e nas que lhes desagradam, no seu perceber*”¹⁰ (HOGGARD, 1973, p.23). Ou seja, é perceber o grande número de diferenças que se manifestam no interior do próprio proletariado e também em qualquer grupo que possui sua cultura e suas práticas. E minha ideia aqui é perceber como essas pessoas se reconhecem e criam essa noção de grupo, a partir, de suas experiências no meio onde estão inseridas essas práticas juntamente com seu cotidiano de trabalhador.

E a capoeira possui diversos tipos de manifestações ela também se adapta no meio onde está inserida. Seja dentro de bairros de qualquer classe social, dentro de escolas (públicas, particulares), academias ou quando era praticada nas senzalas e moinhos. As experiências das pessoas tanto no seu cotidiano como trabalhador e praticante se

¹⁰Hoggart, R. As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa, 1973.

misturam tornando essa prática não só expressão cultural, mas também maneira de viver o cotidiano dentro da sociedade.

A terceira e última coisa a se destacar é a forma de transmissão desse conhecimento, ela não é transmitida de qualquer forma e para qualquer um. Cada escola possui uma maneira de dialogar com a Capoeira a maneira de passar seus fundamentos. Como disse antes fundamento é caracterizado por várias coisas como ginga, movimentos, toques. Cada grupo ensina a partir da maneira que aprendeu com seus Mestres mais antigos. Vejo isso também dentro de várias manifestações culturais o Samba de Roda, o Maracatu, o Congado, nas religiões de matrizes africanas e etc. Normalmente a pessoa mais velha é aquele que possui maior conhecimento, o interessante é perceber que isso se vale justamente pela experiência de vida dessa pessoa, ou seja, tudo aquilo que ela passou para manter essa tradição viva. Os conflitos sociais e como essas pessoas passaram por eles influenciam diretamente na maneira que eles pensam e repassam essas culturas.

Não é fácil para muitos entenderem que a pessoa que está inserida a mais tempo dentro dessa manifestação é o mais sábio. Muitas vezes essa percepção entra em conflito com um discurso bem complicado de pensar, o dá imposição. Como várias pessoas não entendem essas manifestações e até pessoas inseridas nessas culturas acreditam que o diálogo dessa forma é fechado. E é mesmo! No entanto, no meu entendimento as pessoas mais “velhas” dentro dessa prática criaram suas concepções vivendo outros períodos históricos e muitas vezes o presente cria novas formas de ver o mundo que esses Mestres de várias práticas não conseguem se adaptar por que não fez parte de suas lutas e imposições sociais. Mas tudo é um processo contínuo de lutas e mudanças, o Mestre de 50 anos atrás não tem a mesma concepção de vida do mestre de hoje e assim mudanças na maneira de ver e adaptar-se ao mundo vai se transformando.

Como Hall⁹ definia: *“E a tradição popular constituía um dos principais locais de resistência às maneiras pelas quais a ‘reforma’ do povo era buscada. É por isso que a cultura popular tem sido há tanto tempo associada às questões da tradição e das formas tradicionais de vida – e o motivo por que seu ‘tradicionalismo’ tem sido tão frequentemente mal interpretado como produto de um impulso meramente conservador, retrógrado e anacrônico” (HALL, 2003, p.248).* Muitas pessoas não entendem a maneira que se é passada esses tipos de conhecimentos e da mesma forma a sociedade, principalmente, no sentido de construção de o que são valores ou cultura e interpreta como

algo retrógrado. E essa visão sempre foi construída justamente pelos interesses do capitalismo em definir o que é ou não cultura. A ideia de dialogar com o que é popular é a tentativa de entender como esses processos de imposições sociais (hegemônicas) constroem o que a sociedade idealiza e analisa o que é cultura. E como as lutas em torno dessas manifestações influenciam as visões da sociedade que pertence ou não a esse meio.

Como ele mesmo propunha um dos grandes problemas e a “*transformação cultural*” onde muitas vezes essa palavra “reduz” a verdadeira ideia de imposição que a sociedade coloca para essas práticas. A capoeira na cidade de Araguari muitas vezes era e continua sendo vista como “coisa de marginal”, por que muitas vezes um grupo hegemônico possui a concepção de expulsar essas práticas de seu meio. Na tentativa de impor o que é ou não cultura, dar valores do que é considerado bom ou não para o povo. É a tentativa de reeducar um povo que por sinal já é extremamente educado só não é compreendido pela nossa sociedade. Não valorizar a cultura de um determinado lugar muitas vezes é achar que um ciclo de pessoas sabe o que é ou não cultura para um povo.

A quebra dessa ideia vem justamente com os estudos sociais que se preocupam em olhar essas manifestações a partir do olhar de quem vivência e resiste perante as pressões que o capitalismo e a sociedade dominante que impor para um povo. A cultura entra na História Social justamente para se rever vários conceitos que procuram reavaliar as referências metodológicas, acadêmicas e políticas que foram assumidas pela nossa sociedade até hoje.

Ter como objetivo de estudo essas experiências sociais colocou vários grupos e suas manifestações não só como formas de compreender suas indagações e lutas, mas também quebrar a ideia que sempre foi imposta que a economia muitas vezes determina o que é ou não cultura. “*A problematização da categoria cultura, conforme proposição de Williams, levou-nos a pensa-la como ‘processo social constituído, que cria modos de vida específicos e diferentes’ e, portanto, a considerar modos de viver como modos culturais de luta*”⁸. (CRUZ,2006, p.12)

Ter tido a oportunidade de entrevistar essas pessoas me coloca em uma posição privilegiada. Me senti lisonjeado em poder gravar as conversas e aprender um pouco de suas experiências no cotidiano de suas vivências sociais. Perceber que suas lutas diárias tanto no trabalho quanto nas suas práticas se fundem para que uma complemente a outra na maneira de viver e atuar nos seus espaços de resistências.

Temos que perceber que a história oral possui nuances das conversas, no que se quer contar, no que se torna verdade ou fábula, o que quer se destacar ou omitir. Cabe ao historiador entender que as narrativas orais são práticas sociais com significados extremamente importantes para seu meio.

Portelli⁷ mostra que o que é produzido por meio desse diálogo é tanto o que o entrevistado como o que o historiador quer buscar. Cada pessoa determina com “*o que ela quer contar não apenas o que fez, mas o que quer fazer, o que acredita estar fazendo e o que agora pensa que fez*”⁸.

Compreender essas práticas como o fazer histórico nos leva a desconstruir consensos criados pela história hegemônica, buscando entender as entre linhas desses processos que muitas vezes são excluídos pela sociedade dominante. Célia Rocha analisa que: “... a valorização da história no social implica na compreensão de que os temas e as problemáticas investigadas são gestados nos diálogos sobre o movimento histórico da sociedade, compreendendo este movimento na dinâmica dos processos sociais de luta, em diferentes temporalidades, nos quais os sentidos e significados são forjados no modo como os diferentes agentes criam suas estratégias de sobrevivência, de organização e de enfrentamento cotidiano diante das práticas de dominação/subordinação e, também, de ‘rebeldias/insubordinação’ no processo de formação da sociedade capitalista”¹¹ (CALVO, 2010, p. 13).

Nesse sentido, repensar sobre essas experiências sociais na sua cultura não se trata de investigar a cultura de modo isolado, folclórico baseado nos conceitos que muitas vezes congelam a vitalidade crítica e histórica dessa cultura. Essas pessoas estão vivas mostrando como confrontam em relação às classes dominantes e criam as mais complexas formas de luta nesses processos.

A história oral mostra que muitas vezes trabalhadores não confrontam diretamente os fatos e a historicidade criada pelas classes dominantes. Mas, seu cotidiano doméstico e de trabalho cria alternativas de resistências e nos fazem conhecer e entender a cidade a partir de outras concepções. A das classes trabalhadoras que muitas vezes lidam com

¹¹Calvo, Célia R. Narrativas orais, fontes para investigação histórica: cultura, memória e territórios na cidade. Uberlândia, 2010.

essas pressões articulando seus conhecimentos, sua história, suas experiências organizando a vida pública de acordo com suas necessidades e práticas sociais.

Narrativas orais cria a possibilidade de diálogo entre entrevistado e entrevistador não no sentido de “traduzir” a realidade dessas pessoas, suas falas mostram a maneira que esses grupos intervêm na sociedade. Seus modos de luta diante as pressões e os limites vivenciados perante a luta de classes. Isso é um modo de desmitificar e muitas vezes tentar compreender a realidade vivida por trabalhadores na sua construção social, cultural e econômica.

Por isso acredito na importância de evitar como Portelli⁷ mesmo refere-se o termo “*memória coletiva*”. Eu tinha dificuldade em entender o por que não chamar assim, justamente por entender e perceber essa prática sempre em conjunto. Porém, quando comecei a organizar as entrevistas em tive alguns cuidados ao propor meus questionamentos. Mesmo que o meu foco maior fosse entrevistar o Mestre, principalmente, pelo acúmulo de sua sabedoria, vivência e experiência nessa manifestação, entrevistar todos do grupo e tentar entender um pouco de suas experiências, suas buscas e o que a capoeira representa para eles foi muito importante.

Cada um carrega sua expectativa em relação ao que essa manifestação agrega na sua vida, por isso a importância de entrevistar cada um do grupo, desde o pessoal graduado até as crianças. Graduados são as pessoas que estão mais tempo praticando e se dedicando a capoeira e o Mestre em um sentido mais simples, dá responsabilidade a essas pessoas. Com isso recebem títulos como: instrutor, professor, contramestre, mestrando. Como já disse cada escola possui suas maneiras de graduar e dar responsabilidades para seus integrantes.

Responsabilidades percebidas nas entrevistas. Na maneira que eles mesmo encaram as responsabilidades que o Mestre dá a eles. Perceber que para eles o Mestre possui o significado quem ensina algo, aquele que também é o amigo, o irmão e o pai. Como muitos disseram se não fosse ele, poderiam ter traçado outro caminho na vida com os mais diversos resultados.

As perguntas foram no sentido de entender a importância que o mestre possui na vida deles e na capoeira, a importância também que a capoeira possui em suas trajetórias. Outro fato que tentei entender a partir do diálogo com esses praticantes é como a

sociedade e a família lida como essas práticas. Como disse antes a capoeira está inserida em vários lugares da sociedade, o Grupo de Capoeira Nova Era desenvolve seu trabalho na maior parte dentro da Associação dos Moradores do Bairro Brasília, Maria Eugênia e Residencial Madri. Muitas vezes as associações de bairros então ligadas ao desenvolvimento de atividades não só culturais, mas também muitas vezes nos dão a possibilidade de investigar os modos de morar, de sociabilizar, de organizar e conviver.

A entrevista serviu também para perceber como esse lugar vê e compartilha essa manifestação já que ela está inserida nesse local há muito tempo e o próprio Mestre nasceu no bairro, entendendo assim que para ele é muito importante desenvolver essa atividade no local que ele se identifica. Onde também muitos dos seus alunos são moradores dessa região.

Dialogar como todas essas pessoas do grupo é justamente o que Portelli⁷ diz em relação; *“A História Oral como uma arte do indivíduo, portanto, leva ao reconhecimento não só da diferença, como também da igualdade”*⁷. Ou seja, perceber há diferença nos diálogos por que cada um possui sua história, sua vivência e expectativa. Mas ela também é igualdade por que a capoeira é a prática que une todas essas pessoas diferentes. E foi justamente a partir da entrevista de cada um pude perceber essa prática como algo que está sempre em movimento.

Fazer as entrevistas me proporcionou dois momentos e dois tipos de gravação, talvez pela minha falta de experiência no primeiro momento tinha perguntas definidas como, por exemplo, quanto tempo a pessoa pratica? O que o Mestre significa para eles? Porque a Capoeira é importante para essas pessoas? O que ela representa? Enfim, são perguntas que foram validas no sentido de desenvolver alguns entendimentos que eu buscava analisar. No entanto o interessante foi quando a partir da permissão do Mestre e de seus alunos comecei a gravar um diálogo maior, sem perguntas elaboradas. As vezes o diálogo começava com um questionamento: Porque no nome do grupo é Nova Era? Mas a partir desse questionamento o assunto e as próximas perguntas surgiram como um enredo como uma entrevista entre o que eu queria entender e o que eles queriam que fosse entendido, visto, que mesmo eu tendo um conhecimento sobre a capoeira, não conhecia as relações deles dentro dessa cultura e no meio onde ela está inserida.

Selecionar essas entrevistas para tentar buscar o que propus na minha monografia me fez entender que como Portelli⁷ mesmo questiona *“Fontes orais são fontes orais. Os*

acadêmicos estão querendo admitir que o documento real é o teipe gravado; mas quase tudo fica para o trabalho das transcrições...”. Não importa só a gravação, mas a funcionalidade que esse registro passa através da perspectiva que as pessoas querem contar.

Como Célia Rocha mostra: *“Compreender estas práticas e experiências sociais o fazer histórico de muitos e diferentes agentes implica um meio de investigar as alternativas concretas, desconstruir consensos, armando um ‘olhar político’, buscando as dissidências ou as fissuras no interior do processo social”* ¹¹(CALVO,2010, p.13). É justamente a busca de desconstruir consensos principalmente sobre o olhar em relação a esses agentes que são capoeiristas e trabalhadores que muitas vezes estão extremamente ligadas nas relações produzidas e vividas em Araguari. O que pretendo dialogar é que um ritual ou um costume deve ser interpretado deixando de lado a ideia de fragmento histórico, um ato de sobrevivência, mas sim em seu contexto total. Momento onde está inserido, às pressões sofridas pelas classes dominantes e como essas classes se reorganiza e mantêm sua cultura perante a sociedade.

Capítulo I

Mestre, que dessa arte sabe um “pouco”.

“Dessa arte eu sei um pouco, o mestre quem me ensinou depois passei para alguém eu tenho bons professor, todos são bem educados eu vou prova pá o senhor, me orgulho dessa arte foi Deus quem me ensinou”.

Ladainha Mestre Paulo dos Anjos.

Nesse primeiro capítulo a ideia é e tentar entender junto ao Mestre o que foi pensado na primeira parte desse trabalho, isto é entender as relações que envolvem a pratica da capoeira na cidade de Araguari.

Vejamos que, como foi dito na introdução é uma visão especifica, ou seja, um grupo. Mas como disse antes pensar e entender as relações que envolvem um grupo se tornam instigante. Isso foi questionado antes, acredito que cada grupo possui uma relação estreita como a capoeira, isso no sentido de repensar, repassar, questionar e absorver esse conhecimento. Mesmo que as origens dos grupos na cidade de Araguari venham da mesma filosofia, a Capoeira Regional criada por mestre Bimba e se espalhou por vários lugares do Brasil e atualmente pelo mundo, cada escola aperfeiçoou seus conhecimentos, seus ideais a partir da filosofia construída por vários mestres dentro da cidade.

Entendamos que a capoeira é um organismo vivo com várias maneiras e métodos para entende-la. No meu entendimento é muito difícil em vários momentos e sentidos falar o que é certo ou errado, e porquê? Justamente por que ela está presente em diversos meios sociais em lugares com crenças, histórias, práticas, pressões e culturas diferentes. Selecionar um lugar específico não limita o diálogo com a capoeira, pelo contrário, cria a possibilidade de entender como ela influencia em um determinado espaço e dialoga com o resto da sociedade araguarina. Entender que não só a história do Mestre Paturi, mas também a de outro Mestre criou todo o diálogo de resistência praticada dentro da cidade, muitas vezes dialogando e questionando vários momentos que essa prática está inserida.

Dando continuidade, queria expressar e dialogar com algumas palavras e termos que fazem parte da capoeira e que estarão presentes nesses diálogos. Como, por exemplo, o termo graduado. Graduação funciona como títulos que são dadas as pessoas que passam a se “interessar” mais pela capoeira. Quando digo interessar é que com as graduações as pessoas assumem mais responsabilidades perante os grupos e desenvolvem cada vez mais

suas habilidades e filosofia dentro da capoeira. Algumas escolas definem esses títulos a partir da mudança de cordas e cada casa possui sua ordem de mudança. Outras escolas como na Capoeira Angola muitas vezes esses títulos são definidos a partir de denominações como treinel, professor, contramestre e mestre. Fazendo com que essas pessoas se desenvolvam e passem a ter funções nesses grupos, como aquele que está começando ou o que está hábito a dar aula, aquele que assume a função do mestre na sua ausência.

Isso me fez lembrar a discussão de Hoggart¹⁰ no que se refere aos “*prestígios sociais*” onde essas diferenças mesmo que sutis se manifestam tanto na organização na própria posição dentro do grupo e no próprio reconhecimento da sociedade. Ao discutir em seu texto, *Quem são as classes trabalhadoras?* Percebemos a diferença de prestígio dentro dessas classes, no sentido de que essa diferenciação faz parte da organização. Hoggart¹⁰ cita que: “*Os diversos membros do grupo gozam de prestígios, de acordo, por exemplo, com a rua que habitam*”. Ele completa dizendo: “*Até certo ponto, há também no bairro uma hierarquia que é fruto de especialização. Este homem é conhecido como uma espécie de doutor e tem em casa uma enciclopédia encadernada, que está sempre pronto a consultar, a pedido dos vizinhos; outro tem ‘jeito para escrever’ e é uma grande ajuda no preenchimento de formulário.*” (HOGGARD, 1973, p.26). E essas hierarquias funcionam como maneiras de dar responsabilidades a essas pessoas e criar vínculo deles tanto com as pessoas do grupo como também com capoeira. Tentando dar cada vez mais significados para eles dentro dessa prática.

Ter a possibilidade de dialogar como o Mestre e as pessoas que pertencem ao grupo é justamente a tentativa de compreender os percalços que essas pessoas passaram e continuam passando para que essa manifestação continue viva dentro das pressões sociais, econômicas e culturais que influenciam essas práticas.

Entrevistar esse grupo é a tentativa de entender o porquê esse movimento pertence a cidade e como ele é construído. O que levou ao reconhecimento da cidade em relação ao mestre e o que ele representa no local onde está inserido. Como Hoggart¹⁰ esclareceu em seu texto: *Quem são as classes trabalhadoras?* Quando pensamos em entender um “*espaço específico*”. É porquê essas pessoas se identificam com o ambiente em que se encontram. Quando percebemos que essa prática é desenvolvida na associação do bairro é por que alguma ligação existe entre esses praticantes e o local. E muitos fatores

constroem essas relações, como o cotidiano onde ela está inserida. Associações de bairro normalmente possuem o hábito de manter relações estreitas com a comunidade são espaços que muitas vezes desenvolvem atividades que unem essas pessoas.

Isso vem a partir das experiências que envolvem o Mestre nesse local, como Maria Pilar⁵ mostra, o que temos que perceber é que as manifestações da história, ou dos processos que compõe nossa história vem de manifestações no cotidiano.

“Essa experiência se manifesta sob as mais variadas formas, como valores, como imagens, como sentimentos, como arte, como crença, como trabalho, como tradição. Essas manifestações tornam-se objeto do historiador através de vestígios e registros que aparecem também sob as mais variadas formas como escritos, objetos, palavras, músicas, literatura, pintura, arquitetura, fotografia”⁵ (VIEIRA, 1995, p.13).

E aqui está presente no sentido que essas pessoas dão a essa prática nesse local. Intervindo não só na associação de bairro, mas também em outros lugares onde a capoeira e desenvolvida tanto como nos espaços físicos ou dentro do meio onde ela atua (família).

Isso torna relevante quando pensamos que os estudos históricos ampliaram sua gama de conhecimento para ser estudada. E possibilita o diálogo não só com aquilo que é descrito nos documentos oficiais, mas dá a visibilidade e a possibilidade de dialogar, conhecer e entender com esses organismos vivos (que atuam) não só na capoeira, mas em várias manifestações sociais.

“A ‘Escola dos Annales’, por exemplo, ampliou a noção de documento a partir de uma outra concepção de história. Para esses historiadores o acontecer histórico se faz a partir das ações dos homens. Daí o conhecimento histórico se produzir ‘com tudo o que, pertence ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem’”⁵ (VIEIRA, 1995, p.14).

Ver que toda a história desse grupo (acredito que de vários outros) constroem e participam, assisto em mais um pensamento valido de Maria Pilar⁵ em relação a “*experiência humana*”:

“Pensar a história como toda experiência humana entendida sempre como experiência de classe é de luta, e valorizar a natureza política dessa luta, significa considerar então que a história real é construída por homens reais, vivendo

relações de dominação e subordinação em todas as dimensões do social, daí resultando processos de dominação e resistência. A partir daí pensar a produção do conhecimento histórico não como aquele que tem implicações apenas como um saber erudito, com a escolha de um método, com o desenvolvimento de técnicas, mas como aquele que é capaz de apreender e incorporar essa experiência vivida, é fazer retornar homens e mulheres não como sujeitos passivos e individualizados, mas como pessoas que vivem situações e relações sociais determinadas, com necessidades e interesses e com antagonismos”⁵.
(VIEIRA, 1995, p.17-18)

Dialogar como o Mestre e várias pessoas desse meio foi buscar entender que a capoeira com todos os significados que são dados a ela como; dança¹, malícia² e luta. A luta possui sua grande força no sentido de atuar principalmente na relação de “*Dominação e subordinação*”, lutas presentes na comunidade, na escola, na construção dos significados sobre o que é a capoeira, na construção de significado do que seja uma relação social tanto no convívio com a sociedade e o particular.

Na introdução me referia a um episódio particular quando referi e a frase da minha mãe, que de certa forma, refletia um pensamento que uma parte da sociedade possuía (Não sei se mudou tanto!), quando ela se referiu a capoeira como “*era coisa de marginal*”. Me fez perceber que ela estava, assim como em toda sua história em conflitos sociais sim! A história como Thompson¹² definiu a história como “*uma soma unitária do comportamento humano*” e todas as relações presentes na capoeira de Araguari é fruto da relação de “*dominação e subordinação em todas as dimensões do social*”. E toda a construção que ela possui hoje em dia principalmente em relação a uma capoeira menos violenta, mais atuante dentro de projetos sociais como bairros, escolas, ou seja, saindo um pouco do conflito nas ruas e entrando também em outras esferas sociais no cotidiano das famílias e das estruturas públicas. Foi necessário todo um diálogo entre esses capoeirista, e que a partir desses diálogos e conflitos ela se adaptou de alguma forma as novas “regras sociais”.

Pensar essas regras é o que as classes dominantes impõem e constroem na tentativa de “entrar” nessas culturas criando um jogo como Stuart Hall⁹ define de

¹²Thompson, E. P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro, 1987.

“*contenção e resistência*”, depois voltarei a discutir melhor esses termos. Buscar com o Mestre esses movimentos que fizeram parte da sua trajetória foi buscar relatos, histórias e movimentos dentro da capoeira que ele vivência desde dos anos 1980. Ou seja, ele participou desse processo de várias formas assistindo aprendendo e atuando.

Sobre seu início em relação ao que eu queria compreender sobre o começo da capoeira em Araguari, não só pelo que ele diz, mas também em algumas prosas com outros mestres da cidade. A capoeira tem seus primeiros capoeiristas na cidade entre a década de 70 e 80.

Mestre: “Então, como eu comecei a capoeira assim bem jovem com oito anos de idade. É mais eu andei muito na roda dos mais antigos, do pessoal que era dos mais antigos, né. Já na coordenação da capoeira aqui de Araguari se assim a gente podemos dizer. É eu lembro muito do pessoal fala assim dum dos primeiros capoeiristas que eu ouvi falar que trouxe a capoeira para Araguari, assim não trouxe, mais um capoeirista que já tinha dado umas pernadas⁴ não tinha academia nem nada, ô, “menino” lá que você ajudou a lembrar o nome, o caboclo. E depois dele um relato que o pessoal me falava, pessoal mais antigo que veio o Mestre Moreno que é o Euripão e depois o Mestre Curisco, certo. Ai o Mestre Curisco começou a dar aula na Podium que era ali onde é a fornalha padaria, eu acho. E foi isso que eu escutei do pessoal antigo. E naquela época tinha vários outros né, que não era Mestre mais dava aula de capoeira ou puxava treino. Que destacou muito assim em relação a joga capoeira, né, não em ser grandes mestre mas, por exemplo, nós tivemos grandes mestre no meu modo de ver por exemplo Raposa, né, que foi um cara veterano na capoeira nós tivemos aí o (...) o Capitão, nós tivemos o Pé de Ferro, ixi é muita gente. Teve o Baianinho, teve o Fera...”.

Todos esses mestres fizeram parte e pessoas que as vezes na história não tiveram seu reconhecimento de mestre se relacionavam umas com as outras de uma forma ou outra seja nas rodas de capoeira e também na construção social daquele momento. Muitos dão um significado de conflitos, mas como disse não só na capoeira, mas em várias manifestações eles existem e continuarão existindo.

Mestre: “(...) foram pessoas que no meu ponto de vista devem ser lembradas sim, porque? Se não fossem eles eu acho que não, tipo, principalmente essa geração mais antiga, mais jovem não tinha conhecido. Por exemplo desse pessoal aí veio aí, veio eu por exemplo, veio o Zulu, veio o Mestre Bifão, Necão, Um Dois, Mestre Benguela (...).”.

Essa geração citada acima é a que continua desenvolvendo seus respectivos trabalhos na cidade. O interessante é entender a partir desses diálogos como que ele entende a atuação deles para as mudanças que eles acreditam estar fazendo dentro da capoeira. A construção de novos diálogos onde ele busca desconstruir a estética violenta que existia na capoeira.

Mestre: “(...) Raposa, Mestre Curisco, o Capitão essa galera tudo praticamente eu convivi no meio deles, né. O próprio Mestre Moreno eu joguei com ele e era assim, né, era um pessoal que tinha lá aquela; vamo dizer aquela, assim num era desavença. Assim quando chegava na roda tinha aquela agressividade, mas roda normal acabava todo mundo pegava na mão, né, cada um pro seu canto e muitas das vezes uns mais arteiros não ficava só na capoeira, trocava uns socos, umas mordidas, umas berimbauzadas, Mas pra nós daquela época fazia parte até inclusive até hoje quando a gente se encontra, né, os mais velhos. Costuma fala assim; na nossa época não tinha roda tranquila sempre tinha alguém machucado...”.

Que fique claro que a maneira que foi relatada pelo mestre não significa que ele está ou não fazendo um julgamento da forma que era conhecida por ele em relação a capoeira. Mas como Thompson¹² citava, *“somente nós, que estamos vivendo agora, podemos dar um ‘significado’ ao passado. Mas esse passado sempre foi, entre outras coisas, o resultado de uma discussão acerca de valores.”* (TOMPSON, 1987, p. 52). Cabe a ele fazer esses julgamentos e perceber como esses processos foram absorvidos por ele e transformadas em mudanças e enfrentamentos dentro da capoeira na sua trajetória.

Essa linguagem determina as formas de luta nas relações de dominação e subordinação, para ele esses conflitos dentro da capoeira era algo que fazia parte da prática, em vários outros relatos não só na capoeira de Araguari, mas em várias partes a ideia de um jogo mais agressivo e depois que acaba pega na mão e vai embora. Muitas vezes era visto pela sociedade dominante apenas o relato da violência. Sendo que esses momentos de tensões fazem parte do jogo tanto da capoeira como do cotidiano.

O Mestre naquele espaço representa a identificação que ele possui com o lugar, o seu cotidiano desde o trabalho rotineiro tanto como proletariado ou capoeirista está intimamente ligado as vivencias nesse local. Tanto os conflitos ou buscas geraram sua ligação com o espaço ser reconhecido como alguém que produz algo para essa comunidade é fazer parte dela.

O Mestre me definiu muito bem isso quando perguntado o por que a capoeira é desenvolvida nesse local, ele disse que:

Mestre: “Então, eu fui nascido e criado nesse bairro, comecei capoeira aqui no bairro. Inclusive comecei com um professor que era aluno do Mestre Curisco, isso, ele morava na rua da minha casa. Então eu nasci e fui criado aqui e quando eu fiquei mais graduado vamos dizer né, tava mais velho de capoeira ele deu uma parada e eu comecei a puxar os treinos mesmo criança assim com uns dezesseis anos, quinze dezesseis anos mais ou menos já comecei a dá aula aqui e sempre dei aula aqui e tô até hoje, né”.

A presença dele no bairro nos faz perceber que a prática social o faz agente visível nesse grupo (bairro) onde ele atua e contribui para a socialização de pessoas tanto nas relações pessoais como sociais. Ser Mestre dentro da capoeira e em várias manifestações está ligado a ser uma referência tanto do conhecimento em relação a expressão cultural, como também pessoal. Perceber essa responsabilidade social é muito interessante, isso leva a entender que são detalhes minuciosos dentro da cultura constroem aspectos significativos para aqueles que estão inseridos e muitas vezes não são entendidos ou absorvidos pela sociedade em geral.

Ao entender que esse processo de transformação dos conceitos e da postura que a capoeira está sendo construída no presente é perceber que essa linguagem está sempre em transformação, principalmente nas situações que a sociedade impõe. Ao ver na fala essa relação de lutas e buscas nesse espaço percebi que com o passar do tempo e o que o mestre queria buscar com essa prática as transformações que ele e outros capoeiristas passaram a acreditar, influenciou claramente nas suas propostas e práticas.

Quando reflito sobre isso entendo e acredito assim como Maria Pilar⁵ que esse fato histórico é ligado a “*experiência humana*” e também como “*sua própria narração, interpretação e projeção*”. Toda essa jornada construiu as expectativas e concepções no presente. Perceber que a desconstrução da estética violenta vem na própria criação do nome Grupo de Capoeira Nova Era. Quando se refere à Nova Era é entender que eles passaram pelo antes e depois, ou seja, como era vista a capoeira e o que essas mudanças contribuíram para esse outro momento.

Eduardo: Eu acho que nunca te perguntei Mestre, por que o nome do grupo é Nova Era?

Mestre: “O Grupo Nova Era surgiu porque, na época o pessoal daqui tinha deixado acabar muito as coisas antigas e deixando assim a desejar da intenção de capoeira, e principalmente de amizade. E aí eu fiz um desenho que foi o primeiro que eu fiz antes de escolher o nome. Aí o desenho era um sol, né, atrás da cabaça com o capoeirista fazendo esse movimento a chibata e aí veio na cabeça na hora, oh, Nova Era. Um nascer de um novo, né. Aí é igual eu te falei a gente tinha vindo de muitos movimentos passados em outros, daí então fico. Aí a gente fez o desenho todo mundo aceito e tá até hoje, né.”

O nome muitas vezes possui significados ligado a representações de resistência. Mestre Bimba, por exemplo, deu o nome para a Capoeira Regional de Luta Regional Baiana, justamente para fugir do termo capoeira que na época fazia parte do código penal. Entender o nome Nova Era é perceber que a busca pelo novo é criar novos diálogos com o que a sociedade impõe. Como Célia Rocha¹¹ define:

“Nesse sentido, refletir sobre essas experiências tratadas na consciência e, portanto, na sua cultura, não significa investigar essa cultura de modo isolado, dicotômico ou tipificado, em torno de conceitos que congelam a sua vitalidade crítica e histórica. Isto para não incorremos no risco de congelar e/ou folclorizar as ações as ações de ‘homens e mulheres’ que não se sentiam mortos, ou simplesmente ‘vencidos’, quando vivenciaram as relações de dominação. Eles estavam vivos e de maneiras mais complexas criaram nesse processo social de lutas, de contradições, a consciência de sua existência, explicitada no modo de viver no campo, na cidade, na família, na escola, na igreja, nas normas reguladas pela moral, pelos costumes e tradições, enfim, em suas culturas constituídas nas práticas ordinárias de viver e de lutar diante das pressões e das mudanças sociais.” (CALVO, 2010, p.16).

O significado dado ao nome é justamente essas ações que promovem as complexas relações e maneiras de se adaptar nesses processos de lutas sociais. Os conflitos gerados em todo o processo histórico da capoeira em Araguari da ênfase as buscas e novas perspectivas de cada grupo na cidade.

Mestre: Tem que buscar, né, uma nova geração, nova postura pro capoeirista, pode ver que nossa é diferenciado querendo ou não nós joga, nós somos diferentes. Nós aceitamos aqui o “angoleiro”, o “bengeleiro” dizendo assim. Há, mas o cara lá só joga de preto, corda na cintura, o problema é dele. Então assim,

a nova era da capoeira, principalmente Araguari né, no contexto da época, né, saia um pouco né. A gente via que aquilo precisava de um grupo assim como a mente mais aberta não discriminando ninguém, né, de forma alguma, mas é o que eu sempre falei pra eles.

A partir de todo esse processo, desses diálogos a ideia é perceber que a construção dessa prática foi gerada e continua sendo no meio desses conflitos e buscas com isso ela ocupa vários espaços e objetivos. Ao repensar algumas relações como a violência, a maneira que a sociedade e os capoeiristas viam essa atividade. Percebendo que como disse antes a sociedade muitas vezes excluía essa prática colocando um sentido marginalizado e por outro lado para os capoeiristas era algo do cotidiano. Ela passou e continua passando por um longo processo de transformação.

Essa relação entre o olhar sobre a capoeira gera discordância até no bairro onde ela está inserida, o que ao meu ver é normal é parte da relação de resistência e contenção da sociedade perante as práticas sociais. Que muitas vezes é influencia pela “ética social” em definir o que é moral ou não.

Mas afinal, o que é ser Mestre em toda essa construção social? Como esse título é construído perante as pressões sociais? Por que desse significado? Entender que para uma pessoa chegar a ser mestre ela passou por toda essas relações discutidas até agora, como a violência, as transformações sofridas nesse percurso e sua adaptação.

Como foi visto antes o Mestre faz parte desse meio onde o grupo está inserido nasceu e foi criado no bairro isso torna ele um agente ativo não só na prática da capoeira, mas também em várias questões sociais. Quando perguntei para as pessoas do grupo o que o mestre representa tive várias respostas, no entanto, a maioria leva a entender que ele não é só aquele que ensina capoeira, mas faz parte também da construção das pessoas em relação a postura social. Ser um bom filho, um bom aluno na escola, uma pessoa que convive bem com a sociedade onde estão inseridos.

Eduardo: O que o mestre representa para você?

J. C: “Há o Mestre Paturi ele, pelo que eu era no começo quando entrei com ele, representa um irmão, um pai, além disso um grande mestre. Um cara de respeito tenho maior admiração por ele pelo

trabalho dele também. Ele me ensinou a ser mais calmo eu gostava de dá porrada de brigar ele conseguiu me colocar na linha”.

Representa alguém faz parte da vida dessas pessoas até em suas particularidades.

J. D: “Mais do que um pai, representa muita coisa na minha vida quando eu to com dificuldade procuro o mestre por que eu sei que ele vai ajudar pra mim e pra capoeira em geral”.

O Contramestre Cobra definiu também que:

S. A: “Há presença do mestre ela é, vou fala assim como de coração mesmo. Eu nunca tive pai minha mãe me criou sozinho e eu sempre sentia falta de uma pessoa masculina assim nesse instinto de pai né, então foi quando conheci o mestre. O Mestre Paturi assim né, não é só por causa que ele é meu mestre, mas fora da academia também ele é o meu melhor amigo tenho alguns problemas eu vou lá e converso com ele. Às vezes quero seguir um caminho pergunto o que você acha mestre? Não falo pela capoeira não falo como amigo mesmo aí ele vai e me indica o melhor caminho eu vou procuro seguir por que ele é mais velho já passou por isso então é um bom conselho”.

Pensar que o Mestre como aquele que influência nas relações que Thompson mostrou, entre ser social e consciência social. Todas as relações construídas dentro do grupo são construídas para fora dele, de maneira conjunta. A prática da capoeira dos movimentos, de todo o aprendizado histórico que envolve essa cultura. Falo do conhecimento que envolve sua tradição, suas lutas, seus cantos e toques. Ela também constrói um ser fora desse meio cria relações de respeito, de comportamento social. E o Mestre significa essa pessoa que é a referência.

K. R: O Mestre é o espelho da academia se ele faz coisa ruim os alunos fazem coisa ruim, então o Mestre é o espelho da academia.

Esse depoimento acima é de uma criança, de um aluno que faz cerca de quatro anos que pratica, mas reconhece no mestre alguém com um papel social de grande importância, aquele que atua não só como capoeirista, mas também como agente que influencia a construção pessoal dessas pessoas.

A mãe de um aluno disse sobre a influência e importância do mestre:

Mãe: “Ha boa, esse mestre aí é bacana acho bom pra educação. Assim na escola ter uma postura boa e ter a convivência com as outras crianças com os outros meninos né. E agora já acostumou desde três anos pequenininho agora tá aí”.

E essa atuação social que torna essa monografia importante, era justamente esse duplo interesse entre a capoeira e a maneira que ela age nessas estruturas sociais como a educação, o convívio, as entrelinhas que possibilitam esse dialogo capoeira/sociedade.

E para o mestre qual é o significado de ser Mestre? Ele respondeu da seguinte forma:

Mestre : “Rapaz, a capoeira te vou falar é um sentimento que é até difícil a gente fala por que a gente fica até com medo de ser tachado de viciado de capoeira, mas a capoeira pra mim acho que tudo. Minha vida sem capoeira não tem muito sentido por que é igual eu disse mesmo eu tendo outras profissão, mas a capoeira é o que eu vivo eu não consigo me ver sem. Falar assim vou parar com capoeira é complicado acho que não consigo, acho que pra mim é tudo. É o prazer de ter alunos que já tem filho que tá fazendo capoeira que tenho o prazer de tá numa escola ser bem recebido. Pra você vê uma pessoa que às vezes não tem escolaridade ser bem recebido num órgão público numa entidade de ensino de educação e sabe o que tá falando é o que a capoeira me trouxe. Me formou a doutor sem eu ter o diploma então é tudo isso a capoeira pra mim é isso. Me sinto um escritor, um filósofo, um compositor, um artista, um artesão olha o tanto que é gostoso num é?”

Maria Pilar⁵ reflete que, (...) *pensar a história como experiência humana – que é de classe e de luta, portanto vivida a partir de necessidades, interesses e com antagonismos – é situá-la como um campo de possibilidades em que várias propostas estão em jogo*” (CALVO, 2010, p. 37).

Nesse sentido entender que muitas vezes nossa sociedade juntamente com a manipulação e a concentração do poder hegemônico cria estruturas e definições sobre o que é conhecimento e como ele deve ser transmitido para a sociedade. Impõe o que é preciso para definir o status que pessoa precisa ter e como ela precisa construir ele.

Sabemos que um desses caminhos são os diplomas. As formações reconhecidas por uma instituição que possui o “poder” de dizer se alguém está hábito ou não a ser reconhecida como um mestre ou doutor. O mais interessante de trabalhar com fontes orais

e justamente a amplitude de informações e conhecimento que é transmitida nesses conhecimentos. Entender que não só as estruturas politizadas, mas o meio social, as manifestações culturais produzem muitos conhecimentos que são excluídos pelas classes hegemônicas, no entanto são extremamente importantes e carregados de sabedoria como o próprio mestre disse, “*me sinto um escritor, um filósofo, um compositor, um artista, um artesão*”. Continuando a reflexão de Maria Pilar⁵:

“Pensar a produção do conhecimento histórico como aquele que é capaz de apreender essas experiências vividas por sujeitos ativos que problematizaram sua própria existência implica elaborar procedimentos que permitam recuperar essa problematização colocada pelos agentes do passado, a partir das questões que o presente coloca ao pesquisador” (CALVO, 2010, p.38).

E são essas questões que foram colocadas para mim é o que busco entender nesse trabalho. Além dos processos que transformaram a maneira de repensar e produzir todo o conhecimento da capoeira dentro desse grupo e da sociedade onde ela está inserida. Como Portelli⁴ disse:

“Fontes orais são condições necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas, elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que têm tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante” (PORTELLI, 1993, p.37).

A memória não escrita vem justamente contrapor o que muito tempo foi vista como verdade, ou seja, esse conhecimento hegemônico que domina nossa cultura e sociedade. Dar o significado verdadeiro ao Mestre como uma pessoa que atua diariamente no seu cotidiano se dividindo entre o trabalhador e o mestre.

Em relação ao trabalho, perguntei sobre as dificuldades de trabalhar e praticar capoeira ele respondeu que:

Mestre : “Então a dificuldade, eu não posso dizer dificuldade eu posso dizer assim né, é a falta de tempo com a família em si, por que a gente passa a maioria do tempo trabalhando de dia dando aula a noite, final de semana capoeira. Então assim, é a única queixa que eu tenho nesse caso é isso e não pode fica, por exemplo, com o que eu gosto que é a capoeira. Se a gente fosse profissional

ganhasse dinheiro pra tá só com a capoeira eu teria mais tempo pra ficar com a família, então acho q isso é uma das dificuldades que eu tenho hoje né”.

O grande problema não só na capoeira, mas em várias outras práticas é justamente o não reconhecimento e é por isso que muitas vezes essas pessoas dividem seu tempo entre trabalho e as práticas culturais. Isso cria uma luta constante entre a cultura e as questões hegemônicas. Ao falar da capoeira sabemos que em toda sua história e até hoje vários Mestre doam suas vidas pela prática e morrem na miséria isso está intimamente ligado no sentido do valor que a sociedade dá a essas manifestações. Stuart Hall⁹ relatou que:

“Nesse sentido, a definição retém aquilo que a definição descritiva tem de valor. Mas vai além, insistindo que o essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a ‘cultura popular’ em uma tensão continua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura do dominante” (HALL,2003,p.257).

E o importante é o jogo que essas relações criam disputas que essas práticas confrontam e tentam quebrar no seu cotidiano. Essas pressões fazem essas manifestações dialogar sempre com o meio onde ela está presente na tentativa de quebrar e articular em suas lutas contra o domínio das classes opressoras.

Capítulo II

Capoeira, um saber que não tem fim: aprendizes de uma arte/cultura

*“Me sinto um escritor, um filósofo,
um compositor, um artista, um
artesão”. M. Paturi*

As escritas finais do primeiro capítulo me deram a possibilidade de entrar em uma nova perspectiva e diálogos, que acredito contribuir para mais algumas reflexões. Há de tentar entender essa relação da capoeira com alguns espaços que não foram descritos na primeira parte onde ela está inserida.

A primeira parte a ideia foi tentar entender as maneiras e relações que foram construídas nos modos que essa prática está inserida. As discussões envolveram algumas disputas que aconteceram até a criação da identidade do Grupo de Capoeira Nova Era. Entendo essa disputa como conflitos sociais, isso não tem nada a ver com violência e sim com referências e maneiras que essa cultura dialogou com a sociedade até criar suas memórias e histórias. O interessante na história é exatamente isso, perceber que esses processos que são construídos e repassados para frente vêm de momentos de tensões vividas pelas pessoas na vivência de suas práticas. Como salienta Célia Rocha¹¹:

“A memória é composta nestes atos enquanto prática reflexiva sobre o mundo como se está (no presente) vivendo num terminado lugar, numa cidade, num bairro, enfim nos espaços em que se configuram, nas relações construídas ao longo do tempo, em determinados espaços sociais.” (CALVO, 2010, p.17).

Perceber o olhar desse grupo e principalmente do mestre nessas lutas é aprender e dar sentido as mudanças que o tempo e os conflitos trouxeram para a capoeira. Lembrando que essa é uma visão sobre esses fatos e mudanças não que as outras histórias não sejam importantes, pelo contrário elas ampliam muito mais esse diálogo. Mas, como disse também todos os outros grupos possuem suas maneiras de pensar e repensar esses processos ampliando mais ainda a gama do nosso conhecimento histórico. Queria produzir uma visão desse processo por que como havia dialogado antes, cada escola

possui sua proposta, sua luta, sua maneira de ver e compreender a capoeira. Para a proposta desse trabalho seria muito difícil trabalhar com todas essas memórias. Continuando:

“Quem lembra está interessado em dizer o que mudou, o porquê e o como foi mudado e, dessa maneira, atribuir sentido às mudanças da vida social. A memória é uma força ativa, composta nestes atos que moldam o tempo – no sentido de apontar uma perspectiva – e por isso é apenas retrospectiva”¹¹(CALVO,2010, p.17).

Lembrar das lutas, conquistas e mudanças é manter viva essa tradição e continuar de uma forma resistindo as pressões sociais. Essa foi uma das discussões da primeira parte, como que o mestre percebeu, acompanhou e atuou nesses processos dentro da capoeira e na cidade de Araguari. Sua participação e consciência dentro desse movimento é muito rica graças a sua vivência. Conversar com o mestre foi perceber que assim como na capoeira e outras práticas esses processos transformam constantemente e ele fez parte de algumas gerações mostrando que essas tradições assim com os processos históricos se transformam progressivamente, como um organismo vivo que está sempre em diálogo e confronto se adaptando ao meio onde é inserida.

Outra coisa discutida na primeira parte foi a possibilidade de entender e dialogar com o significado e a representação do que é ser mestre. E para além do que significa como um título ele representa alguém que está influenciando não só no aprendizado dentro da capoeira (lutar, tocar...). Ele cria um diálogo social também, as pessoas percebem o mestre como alguém que atua como referência na educação, na sociabilização, na maneira de dialogar com a sociedade. As pessoas entrevistadas deram a possibilidade de entender a representatividade do mestre nesse meio social, aquele que é reconhecido não só como mestre, mas como amigo, como aquele que transforma um ambiente com suas atuações no cotidiano.

A partir daqui me proponho tentar entender algumas relações da capoeira com outros meios onde ela está inserida. Defino esses outros espaços como o próprio bairro onde ela se encontra e também a atuação dela por exemplo dentro das escolas, em um sentido de estabelecer diálogos com a educação.

Como Stuart Hall⁹dizia: *“Como uma área de séria investigação histórica, o estudo da cultura popular é como o estudo da história do trabalho e de suas instituições”*

(HALL,2003, p.252). Uma das questões a ser buscada é justamente essa relação que esse grupo com o espaço onde ela está inserida. E ver como que os praticantes se localizam nesse meio. Como foi dito antes o mestre nasceu nesse bairro e a maioria dos praticantes pertencem a essa comunidade.

A capoeira muitas vezes cria vínculos nos lugares onde ela desenvolve seu trabalho. Vários lugares na história da capoeira são conhecidos justamente pela presença de um mestre e seu grupo e também a forma como eles atuam e desenvolvem essas práticas nesses espaços. Conhecemos a capoeira sempre como uma prática de resistência onde ela se desenvolve. Essas experiências costumam se misturar nas relações sociais e familiares, elas criam um certo tipo de parentesco entre essas pessoas. Costumes e regras para que seus praticantes criem a possibilidade de dialogar com a sociedade e a prática.

Perguntei como eles percebiam a valorização do mestre perante as pessoas do bairro, se essa comunidade apoiava essa prática. É claro que existem pessoas que apoiam e outras não o desenvolvimento dessa manifestação, isso é construído a partir de vários ideais, como por exemplo, a moral. Moral no sentido que as pessoas constroem valores e acreditam neles, seja religioso, político ou social. Isso influencia diretamente na ideia de valores que são colocados por essas pessoas que praticam ou não a capoeira.

Um aluno definiu assim:

J. D: “Apoia porque como o mestre já deu aula em escola muitas crianças que são filhos dos moradores daqui. Igual, o mestre já tirou muitas crianças do caminho das drogas, da malandragem isso com a capoeira mesmo. Tanto é que a capoeira ensina cultura, educação, laser em geral pra família”.

Outro aluno salienta que:

J. A: “Sim, o mestre já tem uns vinte anos que o mestre dá aula aqui no bairro, então o pessoal, mestres da cidade ele é bem reconhecido. Respeitado por que sabem que ele faz um trabalho com responsabilidade com a criançada do bairro, sempre fazemos rodas na praça, na feira pra junta essa criançada que tá num caminho difícil hoje em dia, então é complicado né, mas o mestre é muito respeitado bem visto pela comunidade”.

Esses valores construídos em relação ao mestre são vivenciados diariamente entre essas pessoas. Por ele desenvolver esse trabalho a muito tempo nesse bairro o que ele

acredita está fazendo com a capoeira nesse local cria uma responsabilidade nas expectativas que esse meio quer absorver em relação a essa proposta.

“Tirar” a criança de um caminho que as pessoas entendem como ruim é justamente atuar com ações concretas sobre as políticas públicas sobre as drogas. E não só atuar dando aula de capoeira, mas contribuir com a contenção de danos que existem nesses meios como disse antes é atuar dentro das estruturas familiares e sociais dando valores e significados para o que eles acreditam como organização social, como algo que interfere nos espaços e diálogos sociais que muitas vezes outras estruturas políticas não conseguem atuar

As construções desses valores muitas vezes não estão ligadas ao que são impostos pela sociedade. A maneira que as classes hegemônicas definem o que é ou não cultura, o que é importante para a sociedade elas não entram nessas esferas sociais, muito por não entender o cotidiano desses grupos. Como Thompson¹² dizia:

“Os valores não são ‘pensados’, nem ‘chamados’; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas ideias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e, ‘aprendidas’ no sentimento) no ‘habitus’ de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata” (THOMPSON, 1997. p.194).

Essas práticas em especial a capoeira é a luta social nesse espaço ela muitas vezes cria suas regras e expectativas, no sentido, de criar diálogos na luta contra várias pressões sociais. Como por exemplo na luta contra as drogas que permeiam vários espaços sociais e a ideia de criar valores que compartilhem com as vivências desse local. Como Hall⁹ se referia: *“O perigo surge porque tendemos a pensar as formas culturais como algo inteiro e coerente: ou inteiramente corrompidas ou inteiramente autênticas, enquanto que elas são profundamente contraditórias, jogam com as contradições, em especial quando funcionam no domínio do ‘popular’”* (HALL, 2003, p.255.)

Como foi descrito no capítulo anterior essa manifestação nunca foi coerente principalmente, perante o olhar daqueles que estão presentes nesse meio. Percebi nos diálogos as relações de conflitos e buscas por mudanças que fazem parte dessa prática. Ao criar uma “Nova Era” é possibilitar novas expectativas sobre algum momento que não

estava fluindo com a necessidade e crenças no que a capoeira podia proporcionar para um determinado espaço.

Ela está presente no hábito dessas pessoas, essas práticas no cotidiano é o que define como popular, como algo que faz parte de um meio. Muitas vezes os grupos que fazem parte desses movimentos e a sociedade envolvida nas mesmas entendem e acreditam no valor que essas manifestações possuem para seu meio. O mestre disse que em relação a esse reconhecimento:

Mestre: “Então tipo assim, reconhecimento a gente tem, admiração, respeito né, o pessoal respeita muito: Olha o Mestre! O Mestre da Capoeira! Alguns procura ajudar nas coisas de certa forma. Não do pessoal do bairro, mas eu acho que reconhecimento tem que vim das autoridades, dos órgãos públicos. Por que não adianta você ser reconhecido vamos dizer só por fala né, tem que ser reconhecido legalmente. Ter seu trabalho reconhecido eu creio que é você tá numa escola dando aula e tá recebendo por isso tá tendo esse valor isso é reconhecimento, agora respeito e conhecimento na cidade graças a Deus sou bem reconhecido, assim os pais o pessoal do bairro os vizinhos. Então é todo mundo trata com bastante carinho nesse sentido que to falando, precisaria mais do olhar de um órgão público não só pra mim pra capoeira em geral”.

Quero atentar a partir daqui que como disse antes as pessoas que fazem parte dessa manifestação e muitas vezes aqueles que participam de alguma forma estão dando o valor e o entendimento do que é popular para aquele meio. Como Stuart Hall⁹ entendia sobre esse aspecto o popular tem um sentido do que pertence ou não pertence ao povo. Em todo o processo de construção desse trabalho pude perceber que o reconhecimento dessa prática e a maneira que ela é inserida no seu espaço a torna parte desse povo. E um grande problema em relação ao seu reconhecimento é justamente a maneira que as classes dominantes dialogam com a prática. Hall⁹ coloca um fator muito importante:

“Não podemos simplesmente juntar em uma única categoria todas as coisas que ‘o povo’ faz, sem observar que a verdadeira distinção analítica não surge de lista – uma categoria inerte de coisas ou atividade – mas da oposição chave: pertence/não pertence ao povo. Em outras palavras, o princípio estruturador do ‘popular’ neste sentido são as tensões e oposições entre aquilo que pertence ao domínio central da elite ou da cultura dominante, e à cultura da ‘periferia’, É essa oposição que constantemente estrutura o domínio da cultura na categoria do ‘popular’ e do ‘não popular’. Mas essas oposições

não podem ser construídas de forma puramente descritiva, pois, de tempos em tempos, os conteúdos de cada categoria mudam” (HALL, 2003, p.256).

Mudam em vários sentidos, primeiro quando foi expressado nos diálogos anteriores que a partir de algumas pressões ela se transformou na cidade de Araguari. Saindo de um meio que muitas vezes era visto como algo violento para uma melhor convivência entre os grupos e a sociedade e adaptação nessa sociedade. Transformando seus conceitos e práticas até o que conhecemos hoje na cidade.

Em segundo lugar e o que quero abordar a partir de agora é principalmente a relação de valor dado pelas instituições a essa prática. O que quero dialogar é com essas práticas dentro da educação. Onde muitas vezes ela atua contribuindo e participando dentro das escolas articulando-se com vários fatores. Não receber o reconhecimento devido tanto financeiramente como socialmente. Vejamos que essa falta de reconhecimento não envolve só os professores de capoeira mais os professores em geral, isso é uma outra discussão.

Penso na capoeira dentro das instituições de ensino, justamente pela minha vivência com essa prática dentro das escolas. A partir do segundo semestre do ano 2017 comecei a trabalhar com a capoeira e a história no Centro Educacional Maria Nazaré na cidade de Uberlândia, trabalho com crianças de 2 a 6 anos de idade. Utilizar a capoeira dentro desse espaço é uma ferramenta muito importante, muitas vezes se trabalha vários aspectos. É um momento da vida onde a criança passa a conhecer seu corpo e trabalhar suas limitações, trabalha-se também com a música e instrumentos, além da história da capoeira de seus processos, seu misticismo. Outro fator muito importante de se trabalhar é a socialização. Os primeiros anos que as crianças começam a socializar com outros grupos de pessoas são justamente nas séries iniciais, procuro trabalhar com vários fatores que envolvem esses primeiros anos escolares. As diferenças entre essas pessoas tanto cultural, como social e econômica.

Percebemos que como foi dito antes que a capoeira atua não só na representação de sua luta, mas também participa na construção social dessas pessoas, na socialização entre essas pessoas. Possibilitando a criação de novas maneiras de repensar a educação e principalmente onde as manifestações culturais se enquadram nesses espaços. Na escola onde desenvolvo esse trabalho sou muito bem aceito. Toda a escola é aberta em relação ao diálogo que proponho sobre a capoeira para esse espaço, não só a capoeira, mas a arte

também é utilizada nesse espaço. Mas a proposta aqui não é meu trabalho com a capoeira e sim o grupo que foi apresentado nessa proposta de trabalho, visto que, minha vontade de entender essa proposta dentro das escolas vem de uma atuação pessoal, mas ela está presente em várias escolas. Como Déa Ribeiro Fenelon¹³ cita:

“Ao propor outra abordagem buscamos refletir sobre o significado social destas e de outras fontes, explorando suas possibilidades, avaliando seus limites, indagando sobre as relações sociais, políticas e ideológicas inscritas no processo mesmo de sua produção e preservação” (FENELON, 2004, p.10).

Tentar entender qual significado é criado por essas estruturas institucionais a partir da fala desses praticantes foi uma maneira de enxergar suas perspectivas e enfrentamentos perante essas estruturas. Como as escolas olham para essas pessoas que desenvolvem esse trabalho? Muitas vezes ganham um valor simbólico, outras vezes nada, mas se veem como agentes atuantes e reconhecidos por essa comunidade. O aluno queimado me disse algo bem interessante:

J. A: “A gente não era professor de educação física, não a gente era professor de capoeira, se entendeu? Era desse jeito, não tem aquela igual acontece às vezes os caras joga bola só fica olhando. Não a gente não tem disso, sua religião não permite, senta aí, lá fora você não vai ficar não. Há sua mãe não deixa? Fala pra mamãe vim aqui na escola que o professor vai falar pra ela um pouquinho que que é a capoeira, não tem nada a ver com religião. Sendo que a gente ganhava uma miséria de 350 reais, o lugar que tinha mais e tinha cem alunos, entendeu? Tinha que dá duas aulas na semana pra receber 350 reais, se entendeu?”

Como disse uma das questões a ser pensada é que muitas vezes nossa sociedade não entende a representatividade e a contribuição social que essas práticas desenvolvem não só no meio onde está inserida, mas como disse cria possíveis diálogos em outros espaços como as escolas. Mas como essas e outras manifestações a cultura ainda não conseguiu criar uma forma de atuar melhor perante as formas em que o ensino é

¹³Fenelon, Déa Ribeiro; et al. Muitas Memórias, outras histórias- in Muitas Memórias, outras histórias: São Paulo, 2004.

delimitado. Muitas vezes mesmo com a desvalorização que essas pessoas sofrem elas entendem e continuam impondo suas formas de resistir e atuar dentro desses espaços.

J. A: “Eu fui chamado aqui no Padre Damião pra dá aula, pra disciplinar, não ganhei nada fiquei uns sete, oito meses só pra da aula pros meninos terem disciplina. Eu não ganhava nada saia todo dia sete horas da manhã voltava quatro e meia da tarde embora. Vamo lá e tal, eu não tenho como pagar, mas só pros meninos ter disciplina. Eles ligava, os meninos fazia bagunça, conversa com ele aqui. Diretora fazia isso, toma mestre, o mestre chegava junto dos meninos.

Dá mesma forma que disse no capítulo anterior essa prática muitas vezes cria a relação de uma moral social, onde essas manifestações demonstram que no seu meio ela cria relações que transformam o meio social. Trabalhando várias noções de um convívio social e o interessante é perceber que ela também atua dentro de outros espaços, ou seja, nas escolas e só não tem o devido reconhecimento.

Mestre: “Nas escolas nos mudamos a visão dá capoeira nos mudamos (...) eles tinha o controle pra trabalhar com a capoeira. A criançada chegava lá tinha vez de fazer capoeira duas, três aulas aquele menino que tava tirando nota ruim na escola, tava tirando nota boa.

O grande problema que enfrentamos em nossa sociedade é que as classes dominantes definem o que possui valor cultural o não. Isso muitas vezes reduzem as possibilidades de criar novos diálogos entre essas práticas e outras formas de atuarem dentro das instituições, principalmente, de ensino. Vejo na capoeira uma forma muito expressiva de criar novas formas não só de aprendizagem, na socialização e na própria relação dos modos característicos de vida. Como disse a capoeira não ensina a lutar (mas, lutar é essencial para as manifestações populares) ela atua em vários aspectos dentro da sociedade como já foi discutido. Como Stuart Hall ⁹ ressaltava:

“O princípio estruturador não consiste das forças e relações que sustentam a distinção e a diferença; em linhas gerais, entre aquilo que, em qualquer época, conta como uma atividade ou forma cultural da elite e o que não conta. Essas categorias permanecem, embora os inventários variem. Além do mais, é necessários todo um conjunto de instituições e processos institucionais para sustenta-las – e para apontar continuamente a diferença entre elas. A escola e o sistema educacional são exemplos de

instituições que distinguem a parte valorizada da cultura, a herança cultural, a história a ser transmitida, da parte ‘sem valor’” (HALL,2003, p.257).

Quando nossas estruturas passarem a entender melhor essas manifestações culturais e sociais, teremos a possibilidade de dialogar melhor com a riqueza dessas culturas em todas as suas expressões, principalmente as formas que ela atua perante as pressões que a sociedade impõe a elas. Muitas vezes tentando desorganizar essas práticas e outras vezes não querendo que a sociedade entenda ela apenas como algo que é folclórico, estático. Não percebendo todos os movimentos que elas constroem, por que elas estão sempre em confronto com as questões imposta pela sociedade. Assumo com Marilene Chauí¹⁴ que:

“... a cultura é mais do que as belas artes. É memória, é política, é trabalho, é História, é técnica, é cozinha, é vestuário, é religião, é festa etc. Ali onde os seres humanos criaram símbolos, valores, práticas, há cultura. Ali onde é criado o sentido do tempo, do visível e do invisível, do sagrado e do profano, do prazer e do desejo, da beleza e da feiúra, da bondade, da justiça e da injustiça, ali há cultura (CHAUI,2013, p. 31).

Esses processos que envolvem presente-passado é uma relação ativa entre o tempo e a sociedade. Os processos que envolvem essas lutas são construídos por esses homens no seu tempo. A minha tentativa aqui como historiador foi buscar nas minhas curiosidades entender como a capoeira em Araguari foi construída a partir de relações vividas na sociedade. Entender que meu diálogo aqui envolveu um grupo específico, mas como disse antes acredito que um grupo possui infinitas possibilidades de entendimento. E sua história pode criar várias possibilidades de entendimento, no momento esses questionamentos abordados nesse trabalho foi fruto de uma intensa aprendizagem com essas pessoas. Ter tido a possibilidade de aprender e absorver um pouco desse conhecimento foi muito significativo.

Iê viva a capoeira, camarada!

¹⁴Chauí, Marilena. Uma nova classe trabalhadora. 10 anos de Governos Pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma/Emir Sader (org).Rio de Janeiro, 2013

Considerações Finais

Este trabalho teve sua proposta baseada na tentativa de contribuir para a vasta gama de conhecimentos que envolvem a história. Vários debates foram e continuam sendo discutidos em relação ao ofício do historiador entendendo que nossa profissão abrange muitos tipos de registros, fontes e matérias. Entender que quando buscamos trabalhar com uma fonte específica é fazer uma investigação de um determinado tema entendendo sua multiplicidade. Onde a construção das relações que envolvem nossa sociedade é parte desses processos que estão em constante transformação.

No caso específico, dialogar com a capoeira foi justamente dar ênfase em processos históricos que estão sempre em movimento. Se transformam e adaptam as pressões sociais onde estão inseridas. É pensar a memória no campo da experiência desses sujeitos e perceber suas interpretações (das experiências) no presente a partir, das tensões sofridas por eles e impostas pela sociedade.

A história não é harmônica ela é constituída em processos de luta, ter a perspectiva de dialogar com esses sujeitos é viabilizar a maneira como o outro se percebe na construção desses processos e entender a partir de suas falas e interesses como é construído essa relação trabalhador e agente que promove a cultura e o convívio social dentro de suas práticas.

Trabalhar com fontes orais foi perceber que muitas vezes o conhecimento e a maneira de lidar com as tensões sociais de um determinado grupo não está ligada a formas e padrões muitas vezes determinadas pela academia. Como Stuart mostrou que, a partir do século XVIII o olhar sobre o que é do povo ganhou ênfase e a maneira de olhar para várias manifestações sociais tem aberto muitas possibilidades de dialogar com essas práticas. Seja a partir de fontes orais ou também audiovisuais. Ganhando assim novas perspectivas para além de fontes escritas.

Pensar o estudo da cultura popular é como pensar o estudo da história do trabalho e de suas instituições. É ver e entender que várias estruturas sociais, políticas e econômicas possuem suas formas de lidar com as pressões criadas pelo nosso meio.

Com a possibilidade de se trabalhar com várias fontes históricas esses processos criaram uma relevância muito maior para o estudo e pesquisa junto a formação do historiador nos fazendo pensar essa história não mais com um sentido preestabelecido,

mas, percebendo que ela está em constante movimento e transformação. Dialogando nesse sentido como algo que nunca está pré-definido, mas que cria suas experiências e perspectivas dialogando com a cultura, sociedade e a economia.

Entender que esses agentes sociais constroem significados que se misturam entre os modos de viver (trabalho) com suas manifestações culturais fazendo com que essas experiências humanas sejam enfrentamentos ao poder imposto pelas classes hegemônicas.

A capoeira como foi discutido nesse trabalho possui não só seu caráter de manifestação cultural ela atua como arte, cultura e sociabilização. Ela trabalha com formas construir relações sociais entre as pessoas inseridas nessa prática e para além de seu espaço definido. Ela atua na noção de educação dessas pessoas perante a família e a comunidade. Aprender que o respeito a ética e a moral são valores construídos para que a comunidade possa criar harmonia para seu meio.

Quando parti dos pressupostos nesses diálogos em pensar a história e vivência do mestre e suas práticas dentro da cidade de Araguari desde o seu início até a consolidação do seu trabalho nos dias atuais foi justamente a tentativa de perceber os diálogos e a maneira que a capoeira era vista e reconhecida dentro da cidade. E perceber como que essa comunidade lida com as pressões sofridas no período em que elas estão inseridas, se adaptando e mantendo essas práticas vivas.

Muitas vezes olhamos para essas manifestações com a visão imposta pela sociedade nesse processo sendo excluída e marginalizada até que ela (capoeira) se transforme e adapte nos lugares onde está inserida.

A partir desse pressuposto pude repensar a valorização desses sujeitos na história, para que a capoeira pudesse ser repensada como prática dentro um determinado espaço e pensar que são esses sujeitos que constroem a cultura e essas manifestações.

Entender que a capoeira não é folclore, mas sim algo que está vivo em constante movimento foi uma das tentativas de diálogo nesse trabalho muitas vezes por que as pessoas costumam associar algumas manifestações sociais como algo engessado sem perceber que elas se mantem vivas justamente por que criam diálogos de resistência com a sociedade. Ela atua nos lugares onde a tensão e contínua onde as disputas de dominação e subordinação estão em constante conflito.

A discussões envolvidas nesse trabalho pretendia tentar refletir sobre a relação que nossa historicidade e o sujeito histórico vêm dialogando, principalmente com as novas formas de lidar com o passado e vários conceitos ligados materialismo histórico e as fontes utilizadas nessa pesquisa.

Percebemos que a história sempre se propôs a articular o passado na tentativa de entender todas às possíveis transformações que levaram a mudanças sociais, culturais e econômicas. Isso caracteriza nossa sociedade na pós-modernidade, a partir da própria transformação do ser e as relações políticas e econômicas e como passamos a ver as manifestações culturais dentro desses espaços. As influências de vários tipos de pensamentos citados nesse trabalho em relação a econômicas que transformou o ritmo de produção, consequentemente, as estruturas familiares e o trabalho. E as ideias no próprio entendimento do ser pensante e atuante que procura se conhecer abriu um diálogo maior com outras possibilidades de estudos.

O materialismo histórico tente a fixar uma imagem do passado. Nesse sentido, mostrar e dialogar com as mudanças e suas consequências é a tentativa de mostrar as configurações de como esse passado se apresenta para a construção do presente a partir, da visão desses sujeitos históricos.

Uma das principais mudanças percebidas dessa imagem do passado e justamente o tanto que a relação do trabalho tem influenciado diretamente na nossa sociedade. Principalmente em nossa relação cultural. A divisão do nosso tempo individual em trabalho e lazer, por exemplo, não existia na Idade Média. A ideia de trabalho estava vinculada a família, isso se modifica a partir do surgimento do modo de produção capitalista. Fazendo com que o trabalho saia do meio familiar e se transfira para a indústria. A própria relação de criar um tempo para o trabalhador delimita o tempo a ser usado em prol dele mesmo.

Ao se estipular esse tempo as classes dominantes passaram a condicionar como e com o que usar esse tempo e isso influenciou completamente nas manifestações populares. O que se percebe nesse trabalho é justamente isso pessoas que são no seu cotidiano trabalhadores comum sem desvincular suas práticas culturais do seu dia a dia, apenas transformando elas para os momentos em que seus tempos pedem.

Uma das maneiras de pensar nessa dominação é essa invenção do cotidiano que serve como produto que qualifica o ser e o coloca nesta ou naquela estrutura social. A produção cultural oferece um domínio intencional. Com isso, os bens culturais, sua

distribuição e a qual consumidor ela pretende atingir passou a influenciar diretamente os usuários dessa cultura e como e qual maneira de atingir os consumidores, principalmente a partir das transformações tecnológicas.

O que vemos nos dias atuais é que com os avanços das novas tecnologias a disseminação cultural e as tradições passaram a ser divulgadas da maneira que uma classe dominante quer que ela seja propagada. Com a criação da televisão, do cinema, da rádio e principalmente hoje em dia com a internet e as novas inovações tecnológicas a cultura passou a ser o interesse de alguns. A discussão feita na história vem tentando dialogar com as rupturas que envolveram os sujeitos históricos e como ele se apresenta. No entanto, com a massificação cultural e o acúmulo de informações consequentes da agilidade na aquisição de fatos históricos proporcionou não mais a busca pelo entendimento desses processos, mas, sim o conformismo aos que apoderam dela. No caso nossos meios de disseminação cultural.

O que isso significa é que ao entregar nossa cultura e tradição aos meios de comunicação colocamos em perigo não só a existência de uma tradição, mas também como vamos receber isso de volta.

O que se precisa questionar é que o historiador tem como dom despertar os questionamentos que fazem parte da nossa sociedade e nos leva as mudanças no presente. A criação de um cotidiano influenciado por nossos distribuidores de “bens culturais” e às novas tecnologias faz com que não se precise mais opinar e entender os fatos históricos e sim absorver e tornar consumidor e não protagonista das nossas escolhas. O trabalho consiste em sugerir algumas maneiras de repensarmos as práticas cotidianas e como a sociedade passou a impor a cultura e o que precisamos absorver dela.

Como também os significados que damos a essas práticas. Tentei dialogar, por exemplo, com alguns significados que estão presentes dentro da capoeira. Um deles é a própria relação que existe no significado em ser mestre, no sentido, que possamos entender que arte, cultura e social estão literalmente ligadas e criam legitimidade dessas pessoas como seres que atuam e influenciam na propagação dessa manifestação, além de que pensar essa cultura e esses costumes como algo que contribuem para manter essas práticas vivas, atua nas relações sociais e luta contra as formas de dominação impostas pelas classes dominantes.

Referências Bibliográficas

- 1 HOBBSAWN, Eric J. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

- 2 Autor desconhecido. Corrido de Capoeira.

- 3 THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria, Tradução de Waltensir Dutra**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

- 4 PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. In Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduação em História e do Departamento de História da PUC /SP Ética e História Oral. São Paulo: EDUC, nº15 1995.

- 5 VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 3ªed.,1995.

- 6 FEBVRE, Lucien. **Vers âne autre histoire**. In Revue de métaphysique et de morale, n.LVIII. p.419-438.1949.

- 7 PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História oral diferente**. In Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC /SP. São Paulo: EDUC, nº 10, 1993.

- 8 KHOURY, Yara A. **Narrativas orais na investigação da História Social**. In Revista Projeto História. São Paulo, vol. 22 junho de 2001

- 9 HALL, Stuart. **Notas sobre a “desconstrução” do popular**. In :*Da Diáspora; identidades e mediações Culturais*, Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Unesco. p.247-264.2003.

- 10 HOGGART, R. **As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora**. Lisboa. Editorial Presença LDA 1973.

- 11 CALVO, Célia R. **Narrativas orais, fontes para investigação histórica: cultura, memória e territórios na cidade**. In Revista História e Perspectivas. Vol 23. N.42, INHIS.PPHIS.UFU, Edufu. 2010.

12 THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Tradução de Denise Bottman, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

13 FENELON, Déa Ribeiro et al- **Muitas Memórias, outras histórias- in Muitas Memórias, outras histórias**: São Paulo, Olhos d'água, 2004.

14 CHAUÍ, Marilena. **Uma nova classe trabalhadora. 10 anos de Governos Pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma/Emir Sader (org)**- São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro; FLACSO Brasil, 2013.

Acervo da Pesquisa.

Capoeira Angola: Jogo que possui movimentos caracterizados por serem mais rasteiros e lúdicos, há variações de acordo com cada grupo. Ela é o estilo de capoeira que mais se aproxima de como os negros escravos praticavam a capoeira. A Capoeira Angola não possui data definida em que teria sido criada, mas possui como principal nome Mestre Pastinha já que ele foi um dos principais nomes que divulgou a capoeira na sociedade.

Capoeira Regional: Criada por Mestre Bimba é caracterizada pela agilidade de seus movimentos. Ele foi o responsável por tirar a capoeira do código penal em 1935. O ritmo e os movimentos são mais rápidos com atributos de outras artes marciais em sua prática.

Capoeira Contemporânea: Caracteriza-se por englobar as três vertentes normalmente em seu jogo. Estilo que é visto por alguns como “evolução natural” da capoeira, por outros como descaracterização ou até mal interpretação das tradições, por misturar essas escolas.

Graduação: Definição dos praticantes que se dedicam mais a capoeira e seguem “carreira” dentro da prática. Cada escola define de acordo com o que acredita, normalmente dentro da angola se define como: Treinel, Professor, Contramestre e Mestre. Na Capoeira Regional são definidos pelas cores das cordas cada escola possui seu sistema de graduação muitas vezes são definidos e diferenciados entre crianças e adultos.

Angoleiro: Termo dado ao praticante da Capoeira Angola.

Bengueleiro: Termo dado ao praticante da benguela dentro da Capoeira Contemporânea.

Para preservar a identidade dos entrevistados foram utilizadas apenas as iniciais de cada nome e foram inseridas algumas informações no sentido de enriquecer um pouco mais o trabalho. Nas informações constam o tempo que praticam capoeira, profissão, idade e quanto tempo parte do grupo.

Mestre: “Eu faço desde 84, que dizer tá aí pra trinta e dois por aí. Trabalho como mestre de Obras”.

K. R: “vai fazer quatro anos que prático.”

C. G: “Meu nome é C. G eu faço capoeira há dois anos”.

L. F: “Meu nome é L. F eu tenho sete anos de capoeira. Eu tenho dez anos”.

J. C: “Tenho trinta e três anos a dezoito anos e meio que eu pratico capoeira com o Mestre .Eu mexo com estampa camiseta, chinelo. E, normalmente eu faço meu horário”.

J. D: “Vai inteira quinze anos que to na capoeira com mestre, trabalho a noite quando não to trabalhando faço uns bicos”.

J. A: “Eu já pratico essa arte há quinze anos. Eu no momento to trabalhando em uma lanchonete da minha avó ajudo ela lá”.

S. A: “Comecei a capoeira por volta dos seis, sete anos de idade. Eu sou da profissão de cortador, eu trabalho na área de calçados, corto couro todo aquele processo.”